PARA TODOS...

ANNO XII — NUM. 592 — 19 ABRIL 1930 — PREÇO 1$000

Este afamado producto da CASA BAYER não sómente acalma as dores, como tambem restitue ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA *é preferida pelos medicos por ser absolutamente inoffensiva.*

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, de dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passa-tempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES:

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao Grande Concurso de Contos Brasileiros de "O MALHO" todos e quaesquer trabalhos literarios de qualquer estylo ou qualquer escola.

2ª — Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almaço dactylographadas.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.

4ª — Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.

5ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.

6ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro envelope fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.

7ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.

8ª — E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

PREMIOS:

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar	**Rs. 300$000**
2º logar	**Rs. 200$000**
3º logar	**Rs. 100$000**
4º, 5º e 6º collocados, cada..	**Rs. 50$000**

Do 7º ao 15º collocados (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para todos...", "Cinearte" ou "Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO:

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO:

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE:

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o "GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS" — Redacção de "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignatura: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro—1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

DOIS PECCADOS

DEPOIS dos ventos frios de Março e das eternas chuvas de Abril, eis aqui Maio, triumphante, com um lindo sol quente e uma brisa fresca que sabe a folhas tenras e a flores que nascem para a vida.

Mãe e filho caminham, dando-se a mão; chegam ao jardim publico como si fossem a uma festa. Divertiam-se nesse jardim! A mãe, sentada num dos bancos, faz a um delicado bordado que as outras mulherezinhas sentadas a seu lado admiravam com exclamações. Pedro brincava no chão com a sua pá de madeira; construia castellos, castellos de infancia, que adornava com algumas folhas que o vento derrubava das arvores; depois, contemplava a sua obra e soltava gritinhos de alegria. Elle sempre brincava só; esquivo á amizade dos outros meninos, entretinha-se construindo e derrubando os seus castellos; sua saúde era delicadissima e elle era timido, magro, com as costas ossudas; seu rosto pallido, muito pallido, com dois enormes olhos negros, humidos, brilhantes, como as longinquas estrellas da noite, que se levantavam para sorrir docemente a sua mãe.

Mas um dia, um dos meninos da praça pulou sobre o seu castello, e, com furia selvagem o esmagou e, como si isto não fosse sufficiente, deu-lhe a elle, um ponta-pé brutal.

Depois, quando chegou a governante que acompanhava essa creança malvada, virou-se para fitar Pedrinho e sorriu malignamente.

O outro era um menino bem vestido, com lindos sapatos, e um formoso rostinho redondo, os cabellos pareciam lutar desesperadamente para sahir debaixo do gorro. Parecia ter a mesma idade que Pedro: seis ou sete annos.

— Uh! Outra vez esse insolente! Que mal-educado!... — exclamaram em coro as mocinhas que olhavam para o bordado da mãe de Pedro, porem, ella, pobrezinha! tinha-se levantado com os olhos cheios de lagrimas e, depois de collocar o trabalho numa bolsinha, puxou o filho para si, e foram logo embora, sem cumprimentar ninguem. Caminhava rapidamente e curvada, como si levasse um grande peso sobre os hombros. Essa pobre mulher causava uma pena infinita em todos que a observavam. Felizmente, a sua casa não estava longe. Uma pecinha insignificante ao fundo de um pateo enorme. Logo que chegaram a mãe tirou o chapeo, parou em frente a mesa, e deixou-se cahir sobre uma cadeira, desatando a chorar desesperadamente, com soluços entrecortados que repercutiam extranhamente na pequena peça. Depois, inclinou-se, apertando fortemente contra o peito o seu pequeno Pedro.

— Diremos ao papae...

Depois de enxugar as lagrimas, approximou-se, sentando-se numa cadeira que ficava perto da janella aberta; suas mãos cahiram abandonadas sobre os joelhos, como para rezar. Assim esteve um pouco, ansiosa, olhando para fóra, tremendo imperceptivelmente... Sempre cahia nesse abandono, áquella hora do crepusculo, antes de se accenderem as luzes.

A luz do occaso punha sobre a sua cabeça uma aureola que brilhava com mil reflexos de ouro, que tornavam mais lindo o seu rosto anguloso e pallido, com olhos negros que pareciam sempre maiores, e uma bellissima bocca em flor, que parecia tremer continuamente, pelos soluços reprimidos.

Pedro terminara de chorar. Su'alma de creança estava mortificada e surpresa. Confusamente, sentia-se culpado das lagrimas maternas, pois esse malvado menino lhe estragára os brinquedos, além de bater-lhe. Pedro desejaria exclamar: "Mamãezinha, perdôa-me!" — mas não se atrevia. Dirigiu-se para um canto da humilde peça. Da parede pendia um velho almanach que representava dois gatinhos pretos vestidos com roupa de homem...

Escureceu. As trevas invadiram a salinha em todas as direcções; então, levantando-se, a mãe disse:

— O que queres comer, Pedrinho?

Sempre a mesma cousa: essa pergunta parecia desconcertar o espirito da creança; parecia-lhe que sua mãe era pobre, pauperrima e que nada tinha para lhe dar.

Acabava pedindo o alimento mais humilde, o que sempre têm até os mais pobres:

— Leite...

— Sim? — respondia a mãe, quasi satisfeita ante a perspectiva de não ter que cozinhar. Então, lhe promettia um pedaço de chocolate.

Pedro comia o chocolate em pequenos pedaços, como para fazel-o durar mais tempo.

Depois, perguntou:

— Quando vem papae?

— Mais tarde — respondia a mãe.

— Logo que possa. E suspirava.

———

De facto, o pae chegou mais tarde, quando Pedro dormia na sua caminha alva, como a neve e sonhava feliz com o seu mundo de infancia.

Não succedia o mesmo com a mãe, que contava, mordendo o lenço para conter o pranto, o doloroso acontecimento do jardim.

— Por mim, não... — dizia — que estou resignada a todas as humilhações, mas pelo soffrimento de ver como tratam o nosso pobre filhinho... Deves dizer a tua mulher e a teu filho, esse felizardo, o legitimo, que tem uma governante para o levar a passear pelas praças e jardins... Sim, deves reprehendel-os e dizer-lhes que não se vinguem nelle, nesse innocente... O que sabe esse pobre anjo das culpas de seu pae e de sua mãe?

O homem se desculpava com palavras vagas. Elle bem sabia que não era sua mulher legitima, a que ensinava ao filho verdadeiro, a incommodar e a bater no outro; devia ser a governante, essa vibora que o odiava, e sobre a qual não tinha autoridade alguma.

Mas, por favor! Elle já andava tão angustiado, tão atormentado em sua casa; quem sabe o que lhe aconteceria si não encontrasse perto della, da outra, um pouco de paz e serenidade!....

Ella enxugou as lagrimas, arranjou rapidamente os cabellos, e se dirigiu para um pequeno armario. Delle tirou duas chicaras de porcellana branca, fileteadas de ouro, e uma machina de fazer café. O engenheiro mesmo o fazia; era uma mania, e todas as vezes lhe ensinava como se devia fazer para obtel-o exquisitamente perfumado e saboroso.

Ella approvava, com um gesto affirmativo; mas continuava distrahida, com uma contracção nos labios ainda infantis. Sua graciosa e ingenua mocidade se revelava em seus gestos e na delicadeza do seu corpo. A sua propria innocencia fôra a causa daquillo tudo; quando o engenheiro a viu pela primeira vez, numa aldeia perdida entre as montanhas, certo dia em que ella estava á porta de sua casa, trabalhando; então, elle descobrira de repente, motivo para uma nova conquista; com muita arte e labia estendeu os laços; disse que era solteiro, emquanto que na cidade tinha mulher e filho... Depois, quando ella comprehendeu o engano e o mal que tinha causado, já era tarde.

Elle agora deixava que ella se desafogasse, recriminando-o. E aquella pobre creança? Sabia que o problema a resolver era gravissimo, terrivel; então não queria pensar... E mesmo: estava tão cansado da vida!

Ha poucos annos antes, ainda era um homem de apparencia agradavel, desses que parecem dominar os obstaculos e as circumstancias imprevistas, desses que já viveram sua vida, de resoluções rapidas e que constituem uma grande fascinação. A elegancia no vestuario e o garbo das attitudes, o rosto de traços nobres illuminados por duas pupillas claras que faziam delle um homem irresistivel, mesmo á beira da velhice, tudo isso tinha desapparecido.

Já era um velho. Uma doença recente, uma pleurisia gravissima tinha-o levado para mais além do circulo encantado, em que o amor é sempre o motivo de viver mais forte, e que sobrepuja todas as questões de negocios ou os laços de familia.

Já era um velho, um velho sem desejos, sem illusões, cheio de tristezas e de doenças, curvado, indifferente, as faces enrugadas, mergulhado num grande abatimento. Uma tosse continua e convulsa agitava-lhe o peito.

Sentado perto della, bebendo esse café que era a sua ultima gulodice de velho, parecia antes o pae de que o amante dessa mulher que não cessava de chorar. De quando em quando, passava a mão sobre a loura cabeça despenteada della.

A pobre creatura nada dizia a essas caricias; calava, como tivesse piedade, sabendo que elle precisava esquecer.

Ah! Esquecer! Mesmo quando ella calava por piedade, elle não esquecia nunca; os erros commettidos, o desgosto que lhe causava a vida eram-lhe

pôr demais pesados. Julgara poder dominar o destino e só agora via claramente que os unicos dominados somos nós mesmos!

Infinito remorso lhe corroia a alma ao recordar-se de que tantas infelizes o tinham amado e que elle gozára, fazendo-as chorar e soffrer.

Mas tudo isto não se comparava ao seu ultimo peccado, o dessas duas creaturas pequenas ainda, para lutar contra a brutalidade da vida...

Casára-se tarde demais; e tambem nisto, o destino zombára delle. Uma especulação infeliz do sogro, terminára com o dote de sua mulher. Então, ficou pobre, com uma mulher muito mais moça que elle, que de dia e noite lhe censurava as suas culpas, sua velhice, suas desgraças. Ria-se do marido e sahia á procura de prazeres que elle não lhe podia dar. Seu filho legitimo era o retrato vivo da mãe: violento, egoista, brutal. Em troca, Pedro, que tambem se assemelhava á sua, a doce victima, era affectuoso, sensivel.

O destino não quizera que seus filhos se parecessem com o pae! Estas idéas submergiam-no em um mar de melancolia, e sua garganta se apertava, com o pranto da amargura.

Oh! As lagrimas! Só agora, depois de velho, conhecera o sabor das lagrimas!

Desde os ultimos dias de Maio, o engenheiro não tornára a apparecer na casinha do pateo enorme.

Isto só acontecia quando elle estava doente.

Ella, então, tomou o seu filhinho e sahiu em busca de noticias. Elle morava longe, num dos bairros mais antigos da cidade, onde as salas são pequenas e envoltas em trévas, as escadas estreitas e escuras, mas os quartos internos grandes, immensos, nos quaes dansa um "não-sei-quê" de secreto e mysterioso; paredes e tecto decorados, portas solidas e enormes... Emfim, uma casa senhorial.

A mãezinha, levando Pedro pela mão, nem sequer ousava approximar-se daquella mansão; caminhava para cima e para baixo, com um certo medo de ver a mulher do engenheiro sahir por uma das portas.

Olhava ansiosamente para todas as pessoas que sahiam pela porta principal, como si quizesse ler em seus rostos a noticia que procurava; mas nenhum desses rostos lhe dizia nada: eram impenetraveis...

Quando as trévas da noite começaram a invadir a cidade, ella se decidiu.

Quasi com furia atravessou a calçada, depois o portão e, arrastando o seu pobre filhinho, subiu rapidamente a escada da direita. O engenheiro morava no primeiro andar. Ao subir, ella pensava que bateria á porta energicamente, com a coragem de quem se atira ás aguas de um rio...

Depois, perguntaria, sabe Deus com que voz:

— "Como está o engenheiro?"

Não precisou chamar. A porta estava aberta; e tambem a outra, de vidros. Através della, via-se uma peça adornada com plantas e rapidas sombras que se cruzavam em todas as direcções. Dali vinha um cheiro exquisito, acre, de remedios talvez; um cheiro caracteristico que falava de doenças graves de morte, talvez.

Ella se deteve, desconcertada, perdida, quando a porta envidraçada se abriu, dando passagem a dois homens, de aspecto imponente. Não seriam os medicos? Um terceiro a cumprimentou. Vinha descendo as escadas; e ella o observava com a bocca aberta, indecisa.

Mas... não era justamente o engenheiro esse homem que acabava de descer?

Sim, de facto... mas com quinze ou vinte annos menos, quando caminhava com a cabeça alta, o corpo erguido, com todo o ar de quem despreza os fracos e domina a vida: passos fortes, seguros, flexiveis, elegantes, dos que sabem se fazer amar pelas mulheres e que as fazem chorar durante annos... quando as abandonam.

Sim, o que acabava de descer era o irmão mais novo do engenheiro; elle lhe falára muitas vezes nesse irmão.

Então, ella correu atraz delle, que parou e poz-se a olhal-a fixamente.

— Procura?

— O engenheiro — murmurou entre suspiros. — O engenheiro... como está? Ha uma semana que não o vejo.

Pedro olhou para o senhor, que se inclinou para elle, acariciando-lhe a cabeça.

— E' Pedro — disse a mãe, simplesmente. — Talvez o engenheiro lhe tenha falado. Eu sou Clotilde...

O irmão fez um gesto affirmativo; mas virou-se para a porta. Receava a presença da cunhada?

— Meu irmão está em estado gravissimo — disse em voz baixa e affectuosa.

— E os medicos?

— Os medicos perderam as esperanças.

Da porta, uma enfermeira de cabello, chama em voz baixa:

— Senhor doutor!

Elle despediu-se, dizendo:

— Sim, meu irmão já me tinha falado em vocês... Sei onde moram: mandarei noticias, não o duvide...

Fez um movimento de despedida e entrou em silencio, sem fechar a porta.

Clotilde ficou ali uns momentos, como que aturdida, e depois precipitou-se pela escada abaixo, arrastando comsigo o filhinho.

O advogado, vestido de negro, de tristissimo luto, chegou com as noticias. Sentada no sofá, Clotilde chorava, com o rosto entre as mãos; e elle deixava que ella se desafogasse. Começou a observar o quarto, e a figura esbelta e flexivel do seu finado irmão. Viu os lindos cabellos louros de Clotilde, que brilhavam com mil reflexos, as mãos longas, delicadas; e bem proporcionadas; depois, o corpo lindo, que vibrava, violentamente sacudido pelo pranto.

Os moveis... Que miseria havia naquella exigua pecinha! Que puerilidade a dos dois gatinhos do almanach! Seu irmão fôra um avarento, um egoista, com aquella pobre creatura...

— O menino onde está?

Timidamente, Pedro se approximou daquelle "senhor novo", que se parecia tanto com o seu pae morto, acarinhou-o levemente, quasi lhe roçando a cabeça com as pontas dos dedos longos e perfumados.

— Pobrezinho!

Então, a mãe chorou mais alto; Pedro apressou-se a voltar para o canto de onde sahira, que era um dos logares predilectos para as suas meditações de anjo.

Aos seus ouvidos chegaram as palavras do advogado, que dizia á Clotilde:

— Agora, basta de chorar... As lagrimas não endireitam nada. Ainda é muito moça... Por que atormentar esses olhos maravilhosos?

Apertou-a contra o peito. Beijou-lhe os cabellos, fragrantes de juventude.

— Pobre Clotilde! Não deixarás que te ajude? E' um crime deixar soffrer uma mulher como tu... Precisas morar noutra casa, usar outros vestidos, gozar a vida, já que és moça e linda...

Tornou a apertal-a nos braços; de seus labios sahiu uma catarata de doces palavras, promessas de felicidade que fizeram calar Clotilde, envolvendo-a num calor novo, desconhecido, que embriagava. Sentia a necessidade immensa de ser amada, de se esconder entre aquelles braços que asphyxiavam.

Nessa noite, antes de accender a lampada, tornou a se sentar junto da janella; milhões de fantasias atravessavam-lhe o espirito. Uma casa nova, lindos vestidos, perspectivas de elegancias, prazeres, luxos, toda uma existencia desconhecida para ella. Era demasiado mulher para resistir...

Estava perturbadissima. Uma louca embriaguez de vida se apoderára della. Então, pensou:

"Isto é o que deve acontecer a todos os que estão a um passo do precipicio..."

Mas não queria voltar atraz. O velho peccado, ella poderia com horror imprecar, maldizer; porém, o novo era como a vida mesma: ardente, magnifico, terrivel...

Silenciosamente, Pedro approximou-se de sua mãe, e apoiou a cabeça nos seus joelhos.

Ella lançou um grito suffocado, estremeceu e disse, como si fosse o ultimo lampejo da sua consciencia:

— Para nós, seria melhor ter morrido!

Não naquelles momentos, mas annos depois, Pedro lembrou-se dessas palavras, e sómente então poude comprehendel-as.

(Traducção de ANELÊH)

Carola Pròsperi

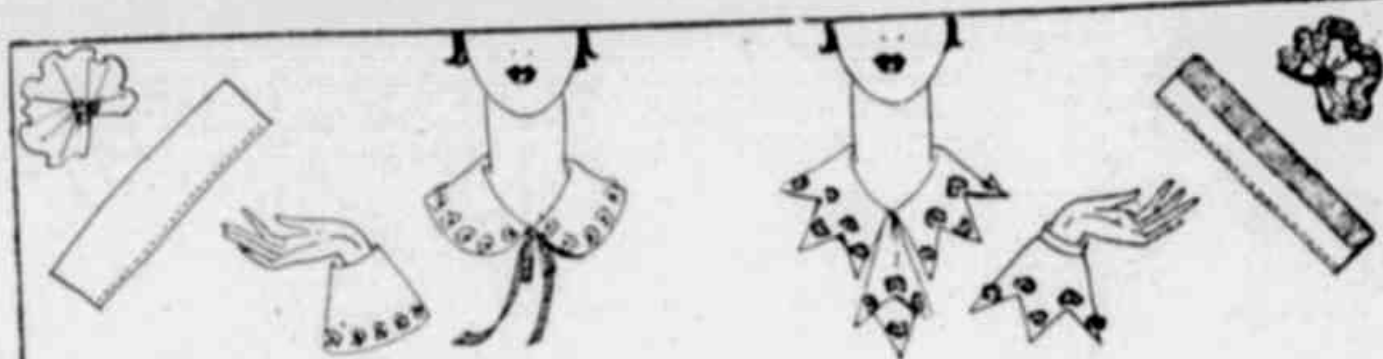
Para todos...

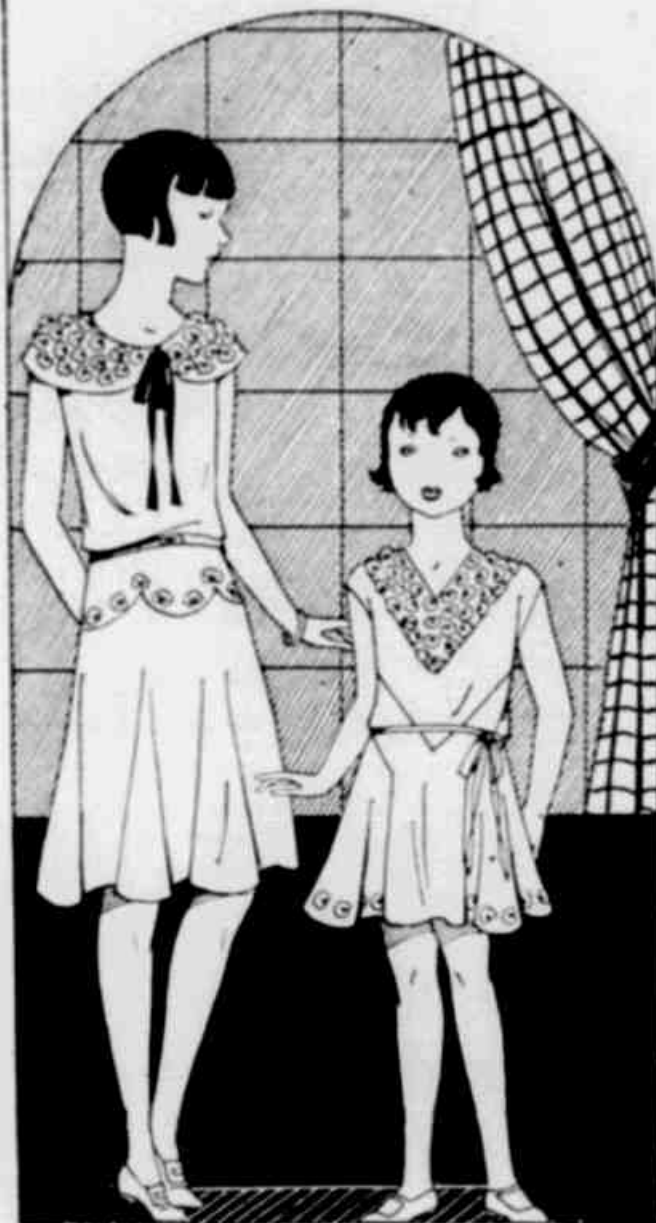
Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico "O Malho - Rio". Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

FACES ROSADAS

Para que sua face pareça naturalmente rosada, não use nunca rouge, carmin, nem outras pinturas, senão exclusivamente carmnol em pó, que se póde obter em qualquer pharmacia ou perfumaria. O carminol não tem effeito nocivo algum sobre a cutis; dá á face um tom rosado tal que ninguem póde perceber que não é natural. As mulheres de face descolorida, notarão a enorme e benefica differença que produz em seu rosto um pouco de carminol. Tanto em pleno sol, como sob luz artificial, o rosado que produz o carminol é de effeitos encantadores.

A TOIALETTE DAS SENHO AS...

Os eminentes Drs. Couto, Aloysio de Castro, Austregesilo, Werneck, Terra e outros, aconselham o uso do MAGIC para o suor, que tanto afeia a toilette das senhoras, mostrando-as manchadas debaixo dos braços. MAGIC é um remedio de effeito seguro para o suor das axillas, não offendendo a saude do organismo nem a pelle, e evitando o máo cheiro natural da transpiração. O seu uso exclue o dos suadores de borracha, usados antigamente, e que offereciam a desvantagem de serem incommodos, por serem excessivamente quentes.

FITAS

Não são as de cinema nem as outras cá de fóra. São, pura e simplesmente as que enfeitam roupas de creanças, e mesmo de gente grande. Fitas de côr lisa, de crépe da China, fitas de dois tons. Servem ambas para a guarnição dos modelos aqui estampados, cujo tamanho exacto para formar o "ruche", representa um dos "croquis" acima.

"Cinearte" homenageada na cidade mineira de Ponte Nova

Vista panoramica de Ponte Nova, tirada de avião

Ponte Nova, no Estado de Minas Geraes, é uma cidadezinha cujo pittoresco de topographia encanta pelo accidentado do terreno como pela dissimetria de suas ruas. Vê-se isto da photographia panoramica da cidade que enfeita esta pagina, e apanhada de avião.

Bôas construcções marginando o rio que corre por entre uma vegetação exhuberante, e a igrejinha levantando os dois braços de suas torres para o céo...

Tambem tem um cinema, uma excellente casa de diversões em que a Empreza Marinho & Cia. offerece á população local os melhores programmas cinematographicos.

E' o Cinema Brasil, que prestou a "Cinearte", orgão cinematographico que se fez interprete maximo das necessidades e aspirações da arte muda no nosso paiz, uma homenagem excepcional, dedicando-lhe uma sessão na qual foram distribuidos aos assistentes exemplares desta revista, por iniciativa do seu representante ali, sr. Eloy Braga.

O festival de "Cinearte" foi coroado de um grande exito, a elle assistindo toda a população pontenovense.

A outra photographia documenta a homenagem do Cinema Brasil a "Cinearte".

Em frente do Cinema Brasil por occasião do festival dedicado a "Cinearte".

UNHAS ESCARLATES

Encarnado vivo, encarnado arroxeado, encarnado gritante são as côres da moda nas unhas que acompanham os vestidos de tarde e de noite. As mulheres que se vestem bem, as que sabem vestir, as que se vestem com propriedade têm roupas para as differentes horas do dia, porque, á noite, ou estão decotadas e de saia rastejando pelo chão, ou num vestido mais "toilette", comprido pelo meio da perna, com pontas, ou ligeiro declive, em fórma, atraz.

As unhas, porém, na parte da manhã devem conservar-se — segundo os dictames rigorosos da moda — naturalmente polidas ou com verniz levemente rosado. E' que, pela manhã, a mulher moderna não dispensa a hora de cultura physica, algumas a massagem, muitas os jogos ao ar livre. E o vestido tem de ser simples, em geral saia e blusa, curto abaixo dos joelhos, e de geito a não tolher os movimentos; chapéo de palha, nos dias de calor, e de feltro, boina, nos de temperatura amena.

A' tarde a coisa muda de figura. Ha rebuscamento nos adornos, no feitio da roupa, no do penteado, no chapéo, nos sapatos... Assim, com a fertilidade de inculcar innovações, é que vieram para a ordem do dia as unhas escarlates. As mulheres da alta elegancia do Velho Mundo, as da America do Norte, e muitas das nossas damas da sociedade estão usando, nas horas indicadas, as unhas pintadas de vermelho forte. Mas ha quem se insurja contra isso. A maioria ainda prefere o verniz, embora mais rosado que o de obrigatoriedade pela manhã. Entretanto, as que adoptaram as unhas escuras estão contentes com a idéa. Irão tingindo as pontas dos dedos até que outra exquisitice substitua a que a Moda impõe, actualmente, como detalhe de suprema elegancia.

Em cima e no centro: assistencia e artistas que tomaram parte na festa regional do Bando dos Tangarás no Grajahú Club.

Em baixo: um grupo de senhoritas na inauguração do Club Israelita com os escoteiros da colonia do Rio de Janeiro.

PARA TODOS...

UM RAIO DE LUAR

NÃO extranhem, meninas, um titulo desses, numa pagina de "Para todos..." — *Para todos...*, revista seculo-XX, de chromatizações ousadas, estylo em zigue-zagues, texto em polyedros e cruzamentos verbaes, versos em cabogramma cifrado, que reclamam raios X e desparzem raios ultra-violeta...

— Um raio de luar no Posto Quatro! 1830 em 1930: — uma gotta de mel de abelhas unm caliz grande de *whisky*...

Pois, é o caso, meninas, que eu ia andando ahi por essas praias — "nessas praias de limpidas areias" *(dó-ré-mi-fa-sol-la-si)* "prateadas á noite pela lua" *(tiroliralarilá)*...

Ia indo e pensando, talvez, em coisas de amor (desculpem-me a imprudencia)... em coisas de amor platonico (com licença da expressão audaciosa)...

Vocês bem sabem que o amor nas praias nada tem a ver com o mar, a lua ou as areias. As namorados não descem mais a isso. Vão agarradinhos, no volante da "barata". E a "barata" com os pombinhos *(sic)* corre, vôa, abre as azas, isto é, abre a descarga, emquanto os dois (os pombinhos), cada qual vae chupando o seu *fisky* ou o seu *polar*, beijo de neve, aperitivo conveniente para os outros, os de fogo, nas paradas discretas ou nas curvas enguiçantes, quando a baratinha emperra ou se deixa arrastar a meio-ponto...

O luar fica por ali fóra se desperdiçando — mel de abelhas da colmeia astral, sem sabor e sem prestigio, que antes fosse poeira de "cóca"...

Lembrei-me então de um tempo que já vae longe. Não havia *auto-omnibus* nem "baratas". Os bondes eram abertos e arejados. O "Mére Louise", com outro aspecto e outros fundamentos, era um verdadeiro "espantalho familiar", pavor das noivas provincianas que esperavam o doutorando do Rio e dos papás que enviavam mesadas gordas aos primeiro-amnistas inexperientes.

Ao saltar do bonde, ali, na ultima curva do "caminho extremo" (hoje o caminho extremo vae mais longe — Leblon, Niemeyer, Chuá e outros derivativos) o passageiro lia, á luz da lua, o versinho do *coupon* destacado, em recibo á passagem:

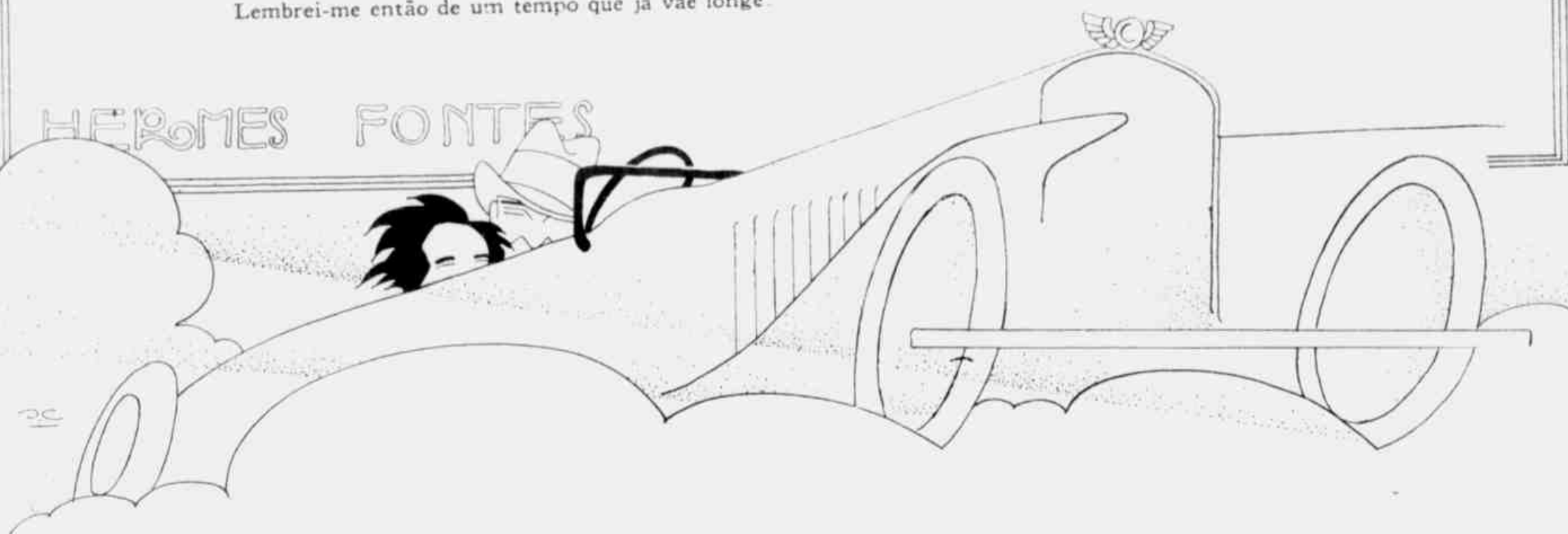
> Copacabana é um sitio pittoresco
> Em toda a extensa linha.
> Gosa-se ali um ar lavado e fresco
> No Leme, em Ipanema e na Egrejinha.

Deus meu! Como passa o tempo! Aquelle "ar lavado" tem hoje um ar levado (sem intenção)

O que não ha mais é a "Egrejinha". Puzeram-na abaixo e erigiram o forte. Rostand sahiu perdendo. Disse o poeta, uma vez, referindo-se a Reims:

> *Ils n'ont fait que la rendre un peu plux immortelle,*
> *La forteresse meurt, quand on la démantelle...*

Aqui, como se sabe, foi ao contrario. O forte está firme. O que se esboroou, foi a capellinha, especialista em "missas do gallo"...

HERMES FONTES

SANTA THEREZA AO LUAR

RIBEIRO COUTO

— Subimos a Santa Thereza? A noite está linda.

— Podemos ir de bonde.

— Não, vamos a pé.

— Com o calor...

— Pouco. Depois, ha tantos inglezes no bonde de Santa Thereza neste momento! Deves notar, em certas epocas, num determinado logar, a affluencia de um determinado povo. Esse povo é quasi sempre o inglez. Os inglezes amofinam a paizagem. Não te bole com os nervos um inglez que lê um jornal?

Vamos a pé pela rua Riachuelo. Subimos a rua Sylvio Romero, a passo tardo. Ha arvores cheias de sombra cariciosa. Parece que o velho critico morou aqui. A proximidade da montanha refrescava os seus azedumes. Não gostava de Machado de Assis. Tudo era pouco para Tobias Barreto.

— Já reparaste? Perdoamos facilmente os que não gostam dos nossos escriptos. Nunca perdoamos os que não gostam dos escriptos que adoramos. No fundo, a humanidade literaria é generosa, meu amigo.

Subimos as escadas até a rua Joaquim Murtinho. Estes palacetes cataplasmados na pedra da montanha são hediondos. Alguns dão a idéa de funiculares, com o portãozinho em baixo, a casa lá em cima, numa vertical vertiginosa.

Um bonde que acaba de atravessar os Arcos vem atraz de nós, ainda longe. Annuncia-se por uma zoeira paciente. Deve ser o bonde da meia-noite. Virá cheio de familias que sahiram dos theatros. E dos inglezes.

— Repara como tem um ar ingenuo este bondinho do bairro. E' pequeno, estreito, quasi um brinquedo. Leva no tejadilho vidros de côres, como um fragmento fixo de festa veneziana.

O bonde do Sylvestre passa illuminado. Fica no ar da noite um cheiro caricioso, um perfume esparso, composto de diversos perfumes, a pairar. Em cabeças de mulheres empoadas brilhavam adereços. Um zum-zum de conversa passou tambem: impressões de theatro, risos, felicidade de quem vae dormir bem, sem sonhos

Estamos agora perto do Curvello, ao longo da amurada. Ali em baixo é o valle de Silva Manoel, com as casas trepadas pelo morro. Jactos immoveis de luz mortiça, perdidos pela escuridão, accusam lampeões insomnes. Para os lados da cidade, a effervescencia da illuminação metropolitana, até os caes distantes, attrae os nossos olhos encantados.

— Um poeta, Mansueto Bernadi, comparou isto a "um pedaço de céu desmoronado". Ninguem cantou melhor este panorama. Tenho orgulho de tudo que vês... Parece que é meu. Desculpa o meu ar de proprietario mostrando as dependencias de um castello...

Lá longe, é o mar. Adivinhamos o mar pelos vagos clarões espalhados, ora amarellos, ora vermelhos. São navios ancorados na agua acolhedora do porto — o porto aberto a todas as ambições commerciaes e á calumnia amavel dos turistas, que fazem comparações.

— Não sei si sabes que não admitto comparações com o Rio...

Meu gesto largo abrange a cidade. A minha cidade.

Devagar, aspirando a frescura do arvoredo das chacaras que bordam o caminho, chegamos á pequena estação de Curvello.

— Ponto de trezentos reis! Por trezentos reis, tudo isso...

Nossos olhos não deixam a maravilha da cidade nocturna. Subimos a rua do Acqueduto, embebidos sempre na faiscação que lá em baixo se prolonga indefinidamente. Sobre nós, a lua apparece, uma lua que sahe detraz de nuvens como alguem que escutava uma conversa. A poesia lunar impõe-se ao silencio do bairro deserto: não podemos fugir-lhe á fascinação mansa.

— Esta pobre lua — dindinha lua — que o italiano quiz assassinar...

As vivendas estão fechadas, quietas. Late um cachorro de guarda, ouvindo os nossos passos.

— Por nossa causa, ou por causa da lua?

No Largo dos Guimarães paramos. Não sabemos de onde, chega no vento fresco a plangencia de um chôro: flauta, cavaquinho e violão. Trapos de vozes. Palavras soltas. Gargalhadas...

— Ahi, seu Magalhães!

Ha um seu Magalhães, que se diverte na noite deliciosa do bairro. Invejamos seu Magalhães, amollecidos de ternura por causa do chôro.

Deixa disso, meu filho!

Outras gargalhadas. O vento traz agora lufadas mais vivas da musica sestrosa... Dá vontade de sacudir tambem...

— Seu Magalhães é que sabe viver! Para elle todas as horas são boas!

— Conheçe-o?

Faço que sim com a cabeça. Quem não o conhece?

E' ali, finalmente. Casa baixa, de largas janellas debruçadas sobre a rua. As pessoas do bonde devem ter invejado tambem. De grandes lampadas, encravadas num lustre, jorra a luz clarissima que nos dá nos menores detalhes o interior da sala. Está cheia. Os pares rodam, agarrados. Vestidos azues, collares vermelhos.

— Seu Magalhães, isso não pode!

Não, seu Magalhães ainda não appareceu. Tem que ser outro. Tem que ser o nosso, o meu. De facto, surgiu agora, grosso, reitaco, completamente calvo, uma cara rapada e ampla, em que as maxillas vermelhas suspendem cordões de gordura. A mocinha que dansa com elle ri perdidamente. Seu Magalhães é o numero de successo. As narinas delle, inchadas, aspiram o almiscar esparso. O suor brilha na calva inquieta. Desappareceu de novo, entre os pares enthusiastas.

— E' elle quem aproveita mais, repara...

— E' curioso: parece um pedaço do suburbio, perdido aqui neste bairro.

— Não é delicioso? Alegria nacional, mistura nacional, choro nacional. Isto rehabilita dos inglezes e dos diplomatas em férias. Sem o que, Santa Theresa ficava sacrificada a monotonia. Aqui nas immediações do Largo dos Guimarães, descendo para Paula Mattos, Santa Theresa democratiza-se. Que horror, si isto fosse a montanha dos ricos, apenas!

Seu Magalhães está no seu elemento. E' desses homens de quem se diz: "Não envelhece, este Magalhães" Algumas daquellas mocinhas são filhas delle, outras são netas talvez. Mas é elle, nos bailes em familia, quem anima a flôr da juventude.

Seguimos de novo pela rua do Acqueduto. A lua, exaggerada, enormemente branca, está escondida entre arvores. Morrem em nossos ouvidos os ultimos écos dos baile. Ao longo da estrada ha pedaços repentinos de matto, trechos de terrenos baldios, abrindo clareiras sobre o panorama da cidade que dorme, longe. Voltamos a sentir o silencio. Algazarra de cachorros, distante. Portões de grade, vedando jardins. Alpendres com trepadeiras. Estamos a dois passos da cidade, mas é já o isolamento do campo, outra vida, outro clima.

— Que paz! Parece uma roça!

— Mas não ha paz na alma das creaturas: é insistente a idéa de que a cidade está perto, de que o bonde nos despeja no Largo da Carioca em vinte minutos, de que a Avenida nos espera para engulir-nos, exgotar-nos...

— Não, estás enganado. Santa Theresa repousa de todas as ansiedades. Durante o dia, ao sol, este é idyllico. A' noite, entrega-se ao luar. O baile deixou-te uma impressão má! Ora, Santa Theresa, a cada passo, muda de aspecto social. Junto dos Arcos, até o Curvello, são os palacetes dos novos-ricos. O Curvello e Paula Mattos são misturados... a plebe e a aristocracia. A rua do Acqueduto, salvo os hoteis, já nos affaga com uma distincta paz burgueza. O Sylvestre, esse é o completo retiro, na solidão da natureza. Olha lá... A lua? Linda. Fico a namoral-a.

— Não, o bonde que volta.

Tomamos o bonde — o bonde vasio, ainda cheio de um vago perfume, o bonde que vae pelo morro a baixo aos solavancos, mas quasi sem barulho, para não despertar tudo que sonha no silencio.

Ribeiro Couto

Affonso XIII

Caricatura de Sem

Praça Vermelha em Moscou, onde está o tumulo de Lenine

Um avião que cahiu no telhado de uma casa em Saint-Maur, França

O Sino Tsar, o maior sino do mundo. Tem 8 metros de altura e pesa 202 kilos. Foi construido em 1735. Está depositado em um dos pateos do Kremlim, em Moscou.

Revolucionarios mexicanos depois da tomada de Monterey

DA TERRA DOS OUTROS

Na Embaixada do Japão

Recepção de despedida do senhor Embaixador e da senhora Arioshi, quinta-feira da outra semana.

Igreja de São Bento

A entrada e o orgam

Arcada lateral

Altar dourado

No morro de São Bento, acariciado pelo mar e donde se avista magnifico panorama da Guanabara, está o Mosteiro de São Bento. A igreja, exteriormente, não offerece a imponencia de sumptuaria edificação. Mas é de antiga e pura arte colonial numa singeleza de linhas admiraveis. O altar-mór é de majestade soberba, sustido por columnas de intalhe, em caprichosos desenhos, cujo motivo se reproduz aqui e ali nas outras columnas que se erigem perto dos altares e nos cantos das paredes. Toda dourada, desse dourado já escurecido pelo tempo, e, por isso mesmo mais bello, a luz do dia entra na grande nave distribuida com tamanha arte como se mãos habeis dirigissem os raios do sol que se infiltram pelos vidros de tonalidades cambiantes da claraboia e pelas frestas das portas. Em baixo, ladeando o altar-mór, o "chorus", e lá acima defrontando-o, o orgam que se ergue em plano superior sobre as

Photographias de Lafayette

Igreja de São Bento

Santissimo Sacramento

A imagem de São Bento

Altar-mór e "chorus"

portas de entrada, onde não falta tambem a decoração que aviva, de momento, a curiosidade a admiração do visitante. Candelabros riquissimos, e imagens todas, uma expressão viva e enternecedora, como a do São Bento que está num santuario, á entrada, antes de se chegar ao proprio corpo da igreja, assistindo o desfile dos fieis que vêm rezar aos santos, e dos profanos que chegam pela fama artistica da igreja, e — quem o sabe ? — talvez tambem se afoitem a um pedido, ou a uma prece... Assim, mesmo á beira da azulada massa dagua da Guanabara, dominando-a do alto, a igreja de São Bento é um recinto de arte e de poesia, lendaria pela sua architectura, conhecida pela virtude ou pelo talento dos que se têm destacado na velha ordem, attrahente pelas pregações dos grandes oradores e os officios religiosos que nella se praticam ao som do orgam tangido por mãos previlegiadas.

Texto de Alba de Mello

A hegemonia continental de theatro argentino

São da "Critica", de Buenos Aires, de 6 de Abril — justamente o numero que noticia a proxima estréa de Berta Singerman como actriz dramatica — as seguintes palavras:

"Uma rapida corrida pelos theatros dá a immediata sensação de que tem esta temporada um dos começos mais auspiciosos.

"As salas cheias de gente que se manifesta cordial para os autores e affectuosa para com os interpretes, parecem annunciar uma nova éra de grande prosperidade para o nosso theatro e como coincide esta attitude do publico com o melhoramento geral dos elencos, póde esperar-se que a grande affluencia de espectadores alente uma nova melhora: a do repertorio.

"Esse vigor que a scena nacional manifesta não se produziu da noite para o dia. Em seu recente relatorio o Circulo Argentino de Autores fez notar o incremento do theatro argentino com a incontrastavel eloquencia dos numeros: cerca de um milhão e duzentos mil pesos (3.320 contos) arrecadados de direitos de autor, cento e oitenta e quatro companhias em actividade".

E a seguir:

"E o que é mais notavel e interessante no desenvolvimento extraordinario de que falam esses numeros é a conquista firme e paulatina das principaes cidades hispano-americanas. Os povos dos paizes vizinhos sentem as mesmas emoções que o nosso por obra dos nossos interpretes e de nossos autores. Essa infiltração do theatro argentino no das nações irmãs fala da imminencia de uma grata realidade: o theatro sul-americano".

E toca o ponto que tem servido de assumpto a numerosas chronicas minhas, no caso particular do theatro de comedia entre nós:

"Certo o mais apreciado é o genero "chico" (chanchada) em que se dão provas de muito relativo bom gosto e de muita escassa habilidade technica, mas tambem é certo que companhias do chamado, por opposição, grande theatro, tambem têm interessado, trabalhando para um publico de minorias selectas, assim como o theatro ligeiro (de chanchada) logrou o enthusiasmo do grosso dos espectadores.

"Essa dupla expansão interior e exterior é uma solida garantia de permanencia e de indefinido progresso. Póde já o theatro autochtone arrostar, sem desfallecimento, uma temporada pouco frutuosa na capital: o resto do paiz e os circumvizinhos darão a compensação e evitarão com o seu solido apoio o menor assomo de bancarrota".

Resulta essa situação da cultura da Argentina e tambem, e muito, do patriotismo dos seus filhos. E' um paiz de oito ou dez milhões de habitantes, com tres ou quatro cidades de importancia. Nós, com quarenta milhões e tantas cidades populosas quantas as da America Hespanhola, estamos em uma situação de inferioridade clamorosa, no que diz respeito ao theatro. Isso por culpa dos governos que temos tido, que mais depressa auxiliam com dezenas e centenas de contos, em poucos dias, elencos de arribação, como o que vem inaugurar o João Caetano, do que se decidem a despender oitenta ou cem contos por anno com uma companhia de comedia brasileira, facil de organizar e de manter.

E é culpada tambem a iniciativa particular. Depois do magnifico impulso dado ao theatro nacional pelas temporadas do Trianon no tempo da empresa Viriato, Oduvaldo e Viggiani, o que se tem visto é a má vontade dos actores-empresarios pela producção nacional, por isso mesmo presentemente quasi extincta. Mais depressa montam as sandices argentinas do tal genero "chico", do que as peças brasileiras dos autores nacionaes de nome feito.

Agem dessa maneira ou em obediencia a sentimentos mesquinhos, ou por falta de fé, pois que a intelligencia muito curta não lhes permitte formar juizo seguro acerca dos originaes que lhes vão ter ás mãos.

M A R I O N U N E S

André Brulé que vae iniciar a temporada official de 1930, com Roberto Gomes, na ultima vez em que esteve no Rio. (Do archivo de Alberto de Queiróz)

A TRISTEZA METHODICA DOS CABARETS

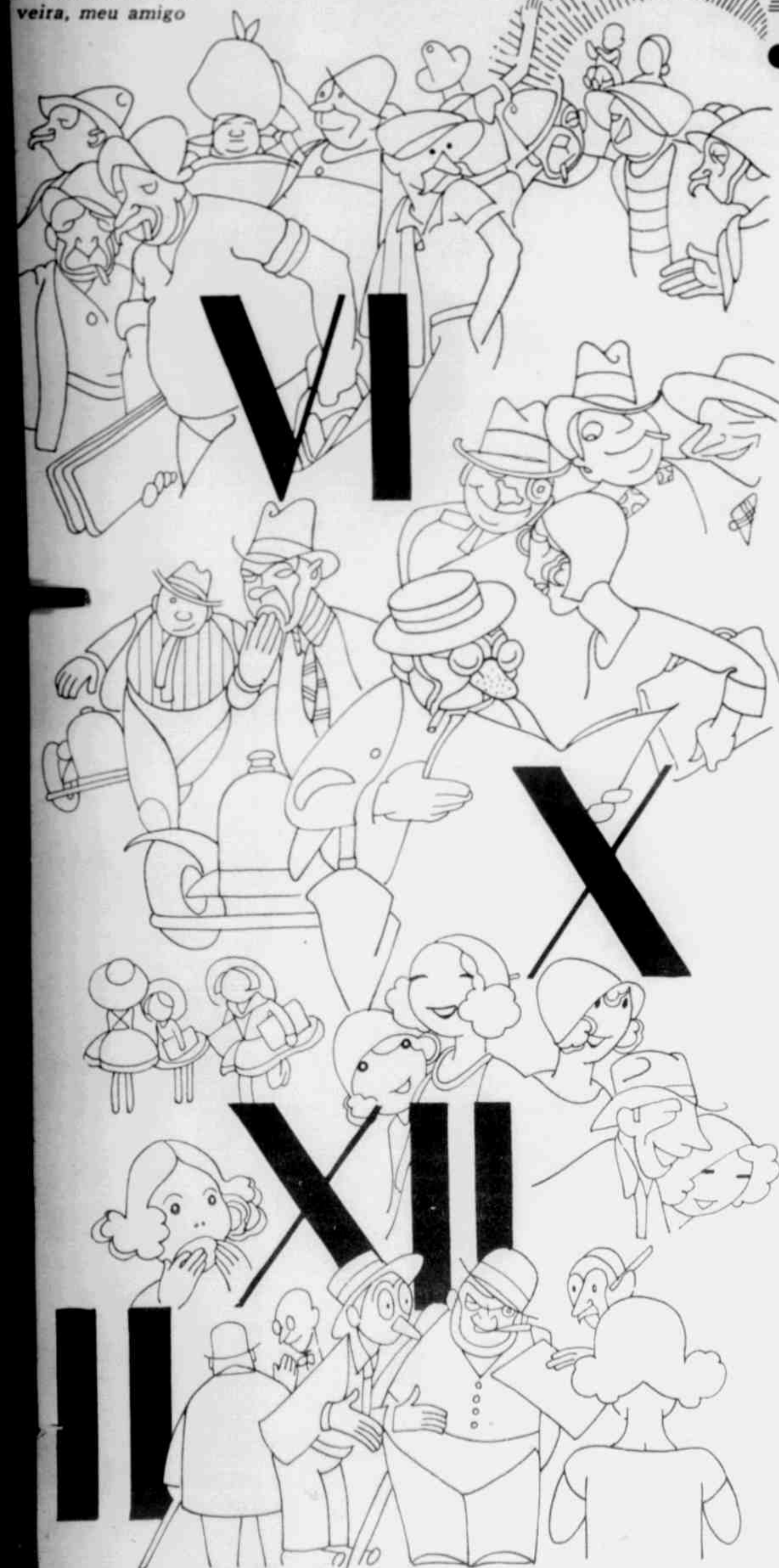
É' UM logar de prazer? Ou é um recanto do fim do mundo na vespera do Juizo Final? Toda a gente está calada. Toda a gente está scismando. Uns pares rodam pela sala, emquanto os musicos soluçam tangos como quem péde perdão. Morreu alguem? Ou vão matar alguem? Não se sabe. Mas aconteceu qualquer coisa muito séria. Que foi? Ninguem ainda póde dizer o que foi. As mulheres sentadas em frente de copos têm a cabeça baixa. Os homens sentados junto das mulheres batem com os dedos nas mesas. Garçons andam na ponta dos pés. De repente, a ultima dansarina hespanhola surge com castanhólas e rodopia. Uma censura geral crava a vista naquelle barulho. Mais tarde, é a ultima cantora italiana. Silencio. Depois, a ultima cançonetista franceza. Silencio. Por fim, a conta. A sala fica vasia depressa. São quasi quatro horas da manhã. Toda a gente vae dormir. Por que toda a gente pensava que estava acordada.

SAMUEL TRISTÃO

(Desenho de Di Cavalcanti)

O RELOGIO DA

A Deoclaciano Taveira, meu amigo

... tim

TIM - TIM - TIM - TIM - TIM... E' a Vida que começa: são seis horas da manhã. O Sol espreguiça-se sobre a cidade. Na rua — da minha janella eu os vejo — passam os que vão para a luta do pão. Os passaros, alegres, cantam nas ramadas do oiti que fica bem em frente ao meu quarto. E há pregões contentes, gritos de negocio, gottas de suor escondidas nas camisas remendadas. E' a Vida que começa... Seis horas da manhã! A hora bôa em que o Sol começa a encher de vida um dia mais... E as lavadeiras vão depressa com os montões de roupa para a beira do rio para aproveitar o calor do sol do meio dia... E' a vida que rompe e a esperança que nasce de um dia melhor que o outro que já morreu...

...— TIM - TIM - TIM - TIM - TIM - TIM - TIM - TIM - TIM - TIM — ... Escalda: são dez horas da manhã. Os que fingem que trabalham saltam para a rua e caminham para as repartições. E' a hora da mentira. A hora falsa dos enganos, das primeiras figuras pseudo-asseadas que a gente encontra nas ruas e nos automoveis ligeiros. Gente que vem não se sabe de onde; gente que, criminosamente com certeza, não sabemos para onde vae. São dez horas da manhã e vendo tanta gente que passa, eu não vejo ninguem que seja alguem. E' o momento dos que nasceram tarde para tudo. E o meu relogio continua marcando minutos, continua tristemente acompanhando os passos de toda aquella gente que não tem nome e que mais se arrasta que caminha... Dez horas da manhã, é a hora dos mandriões...

... — M E I O - D I A ... — Canta o relogio da igreja! Meio-dia! E canta as doze horas, repenicadamente, contentemente, com alegria e cheio de vida. E' a vida marcada ao meio de uma etapa de trabalho. E o relogio da igreja, badalando nos sinos, faz-nos olhar o Sol a pino, a alegria que frutifica e que nos enche de uma esperança que não chega. Mas é meio-dia. Não falta tudo, já, para se viver até ao fim do dia. E' meio-dia! E a gente que passa olha a creançada que salta dos portões dos collegios. E os bibes e os bébés correm pelas calçadas, onde — mais tarde — aprenderão a ser tão máos como nós somos. E as garotas, as meninas, aprendem a arte de saber mentir, olham as mulheres-creanças que aprenderam, sem mestres, a enganar a todos... Ainda assim é linda a hora do meio-dia! E' a hora em que as mocinhas passam para almoço; a hora alegre do sorriso. E quando o sino da igreja se cala, a gente sente a tristeza de uma metade de dia que se vae. E depois, caladamente, a vida recomeça...

... TIM - TIM ... — Duas horas da tarde. Volta a machina de escrever a trabalhar e voltam os mesmos passos da manhã a correr as ruas. Há menos mulheres. Há mais homens. São vendedores de praça; são homens que procuram fazer o impingimento de mercadorias que ninguem compra. Sua-se. Estafam-se as pessoas. E um vendedor de peixe ainda quer vender o que hontem no Mercado comprou. Passam os minutos: é a hora mais parada de todo o dia de vinte e quatro horas. Mas os dias não tem fim: onde um acaba o outro começa e por isso a vida tem a mesma triste monotonia, a mesma calma serenidade do "tim... tim... tim... tim..."

... TIM - TIM - TIM - TIM... — São quatro horas da tarde na Avenida. Nos outros bairros são, ainda, seis horas da manhã. São quatro horas da tarde na Avenida! E passa a multidão de pessoas — pleonasmo desculpavel! — passa a multidão de pessoas que anda á procura de gente conhecida e que veja a toilette nova ou emendada de accordo com um figurino novo. E' a

LUIZ PAL

MINHA VIDA...

hora do chá. A hora do cinema. A hora do cinematographista da beira de calçada. A hora do "flirt". A hora do namoro, como antes se chamava. E' a hora de tornar a pôr o collarinho; a hora de as senhoras porém a ultima porção de pó de arroz. A hora mais mentirosa. A mais linda hora do dia todo. Quatro horas da tarde... E a gente, os homens, olhamos da porta dos cafés aquella multidão que passa e commentamos a moralidade de cada uma. E nenhuma escapa! Como todos somos profundamente ordinarios!...

... TIM - TIM - TIM - TIM - TIM - TIM... — Outra vez seis horas. Aperitivos. Restos de cinema que não interessou. Uma companhia que se conseguiu lá dentro e de que se foge na hora de sahir... Seis horas! Accendem-se os candieiros á mesma hora vertical em que se accendem as grandes luminarias do sol, pela manhã. E' outra gente. Desprevenidos e insultantes na sua maior parte. Gente que catou dinheiro e não achou. Gente que diz mal da vida. Pessoal que não soube viver o dia. São seis horas só. E o dia vae escurecendo sem outras illusões que não sejam as do dia de amanhã: outro dia cheio de sol ou encharcado de chuva, outro dia mais, mais uma passada para o fim... Seis horas! A hora do "Angelus"... E a vida penumbrenta vae cahindo, vae descendo, vae esmorecendo em um final de musica de Chopin... Que tristeza a gente ver morrer um dia que teve sol!

... TIM - TIM - TIM - TIM - TIM - TIM - TIM - TIM... — Oito horas. Janta-se. A creançada ri. Conta coisas de collegio. E' fim do mez: há noticias bôas de notas boas trazidas do collegio. Nênen fala de Historia do Brasil e conta coisas que eu não sabia; o Néne diz dos seus aprendimentos em coisas de desenho. E' a hora do contentamento, a hora da alegria dos avôs que não estão á mesa. Há beijos. Bençãos que são perdões. E á hora do jantar todos esquecem as amarguras do dia e todos se juntam para bemdizer a Deus que nos serviu o prato de comida. As creanças riem. E a noite vae definhando com o cahir das pestanas da garotada que pede cama e que adormece com um livro na mão... livro que era para aprender a historia da vida, caminho de uma escola sem edificio e sem mestres, vida que é a grande caminhada que leva ao cemiterio.

... MEIA - - NOITE... — Piam as corujas na ponta das arvores e os mochos respondem lá de longe. No silencio da noite, os passos dos que chegam tarde a casa. São os tipographos dos jornaes; são os bohemios; são os odientos personagens que não passam da vida cheia de dinheiro e que se embebedam como afronta aos que nada podem. Fon-fon de automoveis. Ruidam, pelas ruas, os escarneos dos ricaços e que enchem de injurias os pobres que vão dormir... Meia-noite! A hora dos morcegos tristes, ratos com azas, amigos só da noite, passaros que bebem o proprio sangue. Meia-noite! Hora das feiticeiras e das maldades, do desespero e da angustia... Meia-noite: linda hora em que penso que não existe no calendario das horas a hora do amor! Passa um dia e outro dia passa e o Amor não vem! Meu calendario de horas, meu Relogio, porque não marcas tu a hora da vinda do meu Bem, a hora do meu encanto, a hora da minha Vida? E' meia-noite. Acabou-se o dia. E tu, meu amigo, tu que palpitáste commigo o dia e a noite toda, porque não viéste dizer-me quando era o minuto, o instante, da existencia inteira da minha vida de paixão?

E são outra vez "seis horas da manhã"... E saber que a vida continúa...

MEIRA SIM

Uma Saudação Original

A' primeira vista, indagarão se esta photographia não está invertida. Não, está bem direita. Hão de acreditar depois que se trata de uma *troupe* de acrobatas do ar livre. Engano ainda. Gymnastas de circo teriam mais harmonia, mais linha e mais estylo na execução desses saltos arriscados. Os exercicios aereos aqui apresentados foram simplesmente realizados, na praia do Pacifico, por membros do Olimpic Club de São Francisco, que celebraram assim, de uma maneira pessoal, o dia de Anno Bom. Os socios do maior club da California habituaram-se a, todos os Primeiros de Janeiro, saudar o anno que começa por um banho em commum nas aguas aquecidas da Côte d'Azur americana. A natação succedem-se, sobre a areia da praia, as corridas, os lançamentos de discos, os saltos, as provas de gymnastica. Manifestações de vida e de saude, que reuniram, este anno, 300 membros do club e 200 convidados junto do grande oceano.

Passagem dos concurrentes de um cross-country sobre a lama, rumo de Vincennes

Os espectadores do match Corinthians- Millwall, no Crystal Palace, tremendo de frio

(Photos Wide World)

Os herôes obscuros

Si o sport conta nomes celebres pelas discripções elogiosas, entrevistas, photographias, cinema, mudo ou sonóro, tem tambem os seus herôes obscuros.

São por um lado os concurrentes sem esperança e sem publico, das provas de segundo plano, por outro, os espectadores impavidos que, em terriveis tardes de inverno, passam horas sentados num campo de jogo, expostos a todas as intemperies. Quando se compara o espectador ao praticante, todos os elogios são para este. Bem considerado, não é paradoxal pretender que o praticante, mesmo quando corre pela planicie ou pelas terras lavradas do campo, tem sobre os espectadores dos stadiuns grande vantagem: o movimento. Molha-se dos pés á cabeça, cobre-se de lama, mas aquece o corpo, vive intensamente e satisfaz o prazer da luta que nasce comnosco. O infeliz espectador, ao contrario, não tem personalidade, não é mais do que uma testemunha. Pouco importa que o velho tenha frio nos joelhos, que o homem, ansioso pelo resultado, seja saccudido por tremores nervosos que as mulheres estejam com o nariz vermelho e os pés gelados! Nada disso influe na acção nem intervem no match, mesmo quando a multidão, como na partida da Taça de Inglaterra, entre os amadores Corinthianos e os profissionaes de Millwall seja composta de pessoas pertencentes a elite da classe liberal britannica. Respeito pois ao praticante obscuro, mas piedade pelo espectador dos jogos athleticos do ar livre.

Janet Eastman, Miss Texas

Concurso Internacional de Belleza

Evelyn Witt, Miss Shamokin

Miss Wioning

Em cima, á esquerda: Mable Dupont, Miss Wisconsin, e Evian Secting, Miss Idaho.

Misses norte-americanas

Senhorita
Jahyr Miranda,
Miss Cambucy

Senhorita
Lucia Vasques,
Miss Cantareira

As mais bonitas de São Paulo

Vencedoras no Concurso d'"A Gazeta"

Senhorita Sarah Bittencourt, Miss Bom Retiro

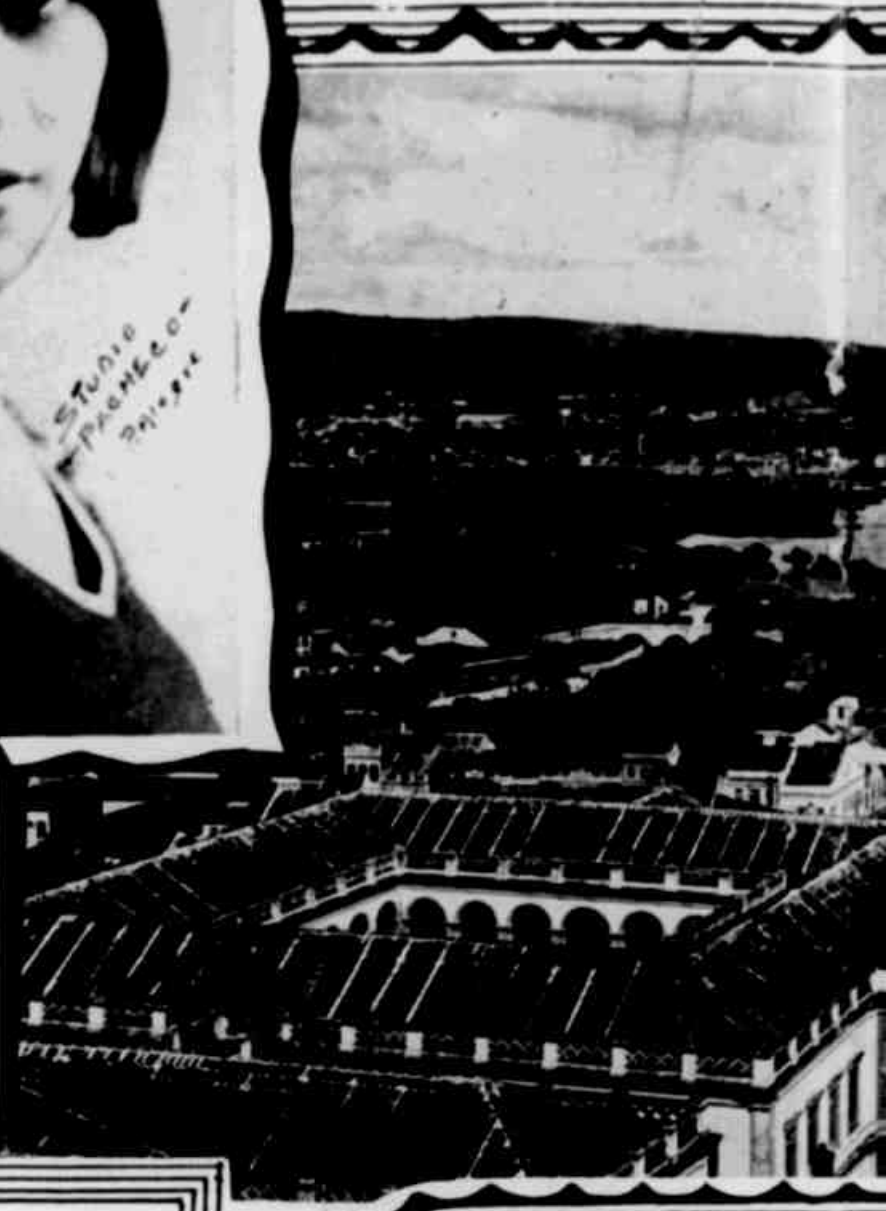
Misses Paulistanas

Senhorita Lucia Vasques, Miss Cantareira

Senhorita Lourdes Falcão, Miss Santa Cecilia.

Senhorita Alda Santos, Miss Saude.

Photos Rosenfeld

Miss Nazareth,
Senhorita Italia Reginatto,
1 metro e 64 centimetros.
Morena
de
olhos verdes.

Miss Azenha, Senhorita Celia Franco Netto. 1 metro e 59 centimetros. Morena de olhos verdes.

Miss Independencia, Senhorita Beatriz Souza Gomes. 1 m. e 65 cents. Clara.

Miss Crystal,
Senhorita Thereza Prestes,
1 metro e 64 centimetros.
Morena.

Miss Flores
Senhorita Moreira
1 metro e 57 ce
Morena.

AS
BONITAS
DE
O ALEGRE

Pedaço da capital gaucha.

Miss Rio Branco,
Senhorita Alice Ruiz,
1 metro e 53 centimetros.
Morena.

Em baixo:
Senhorita Francisca Divan,
Miss Therezopolis.
Miss Porto Alegre,
1 metro e 65 centimetros.
Clara.

Miss Petropolis,
Senhorita Celina Gageiro,
1 metro e 61 centimetros.
Morena.

Floresta,
reia Marques,
7 centimetros.
ena.

Miss Menino Deus,
Senhorita Sylvia Peixoto,
1 metro e 65 centimetros.
Morena.

Eleitas do Estado do Rio

Senhorita Dinorah Itatiaia de Mattos, 2º logar em Therezopolis.

Senhorita Conceição Pereira, Miss Therezopolis

Senhorita Ambrosina Baptista, Miss Friburgo

Senhorita Damian, Miss Miracema

Senhorita Emerenciana Salles, Miss Itaocara

Senhorita Maria Edith Cases, Miss Cabo Frio

Senhorita Nadeja Silva, Miss Petropolis

Para a escolha de Miss Brasil

As mais votadas: senhoritas Aracy Paiva, Aracy Faria e Maria de Nazareth Lamego Viggiani, a eleita.

Miss Nictheroy

Senhorita Maria de Nazareth Lamego Viggiani, Miss Nictheroy.

Os membros do jury que escolheu Miss Nictheroy: professor Corrêa Lima, director da Escola Nacional de Bellas Artes, e os pintores Dakin Parreiras e Miguel Capllonch.

Na casa da senhorita Maria de Nazareth Lamego Viggiani, quando a Academia Fluminense de Commercio, de Nictheroy, foi felicital-a pela sua eleição.

Miss Nictheroy

Miss Nictheroy (a primeira á esquerda) saudada por suas amigas.

Miss Nictheroy dando inicio a uma partida le football entre campistas e nictheroyenses

As tres mais votadas da capital do Estado do Rio: senhorita Maria de Nazareth Lamego Viggiani, a eleita, entre as senhoritas Aracy Paiva e Aracy Faria.

Instantes do film "Saudade", producção CINEARTE
Em cima: Tamar Moema e Maximo Serrano

Em baixo: Didi Viana e Mario Marinho

POR que ficas com os olhos humidos quando se fala em valsa? Tens alguma historia ligada a essa palavra?

Meu amigo respondeu:

— Nenhuma historia, apenas simples recordações. Não ha motivo algum para guardar segredo, sobretudo comtigo. Cada vez que a palavra valsa é pronunciada na minha presença, lembro-me de tia Virginia, cuja imagem guardo piedosamente desde a época, já longinqua, da minha juventude, que foi tambem a dos seus ultimos annos. Como póde ser a vida, ao mesmo tempo, tão differente para duas existencias que ella devora, uma na alvorada, a outra no crepusculo?

A valsa estava intimamente ligada á vida de minha tia. Nenhuma outra mulher foi mais agil e habil do que ella (na mocidade) para as mais variadas e as mais difficeis dansas. A valsa, porém, entre todas, permittiu-lhe exercer, de certo modo, uma supremacia nos salões.

Nas noites em que o seu bom-humor consentia que contasse passagens de sua vida, appareciam sempre nellas innumeras valsas pedidas, concedidas, recusadas, disputadas. Ouvindo-a, podia-se imaginar que os seus mais brilhantes annos ella os passára nos bailes, sobre a ponta de um sapato de setim, abandonada nos braços de um elegante cavalheiro, que a encantava. No curso das historias que cantarolava quasi, algumas vezes se esquecia, balançava-se mollemente sobre as almofadas da poltrona e as anecdotas que narrava, as alegrias e os pesares passados, tudo aquillo parecia valsar e sahir em volteios dos seus labios pallidos. Em resumo: as recordações de minha tia eram dansantes, e sempre acreditei que o sangue do seu coração batia em tres tempos.

Foi dos dez aos quatorze annos que aprendi a conhecel-a e amal-a. Eu era interno no seminario da Chapelle, alguns kilometros distante da cidade e onde ella raramente ia verme porque receiava a viagem. "Tenho horror de carro!" era uma phrase que repetia seguido. Mas, nos dias de sahida, quando os omnibus amarellos nos depositavam todos, em multidão, manhã cedo, em Orleans, no pateo do grande seminario, diante do bispado, eu tinha a certeza de ver a minha tia, sempre no mesmo logar, um pouco para traz das outras pessoas que se atropellavam.

Digna e grave como a burguezia, mas uma burguezia sorridente, toda de seda negra dos pés á cabeça, com um amplo chapéo-capota em velludo com amores-perfeitos, cujas fitas, encorpadas formavam uma gravata decorosa; nos hombros um mantelete bordado de vidrilhos ou um chale quadrado; nas mãos o lenço de batista que toda, a vida de manhã á noite, não deixava, e, uma sombrinha com franjas, que se dobrava em dois como um compasso. Assim que me via livre, tomava-lhe a mão e partiamos. Deveria, bem o sabia, saltar-lhe ao pescoço, beijal-a com toda a minha força, como eu a amava, e, entretanto, não fazia nada, gelado, retido por essa especie de falsa vergonha que, diante dos estranhos, nos faz corar dos nossos parentes, quando somos pequenos. Parece-nos, então, pobres cerebros esboçados, pobres corações em formação, presumpçosas chrysalidas de homens; que ha qualquer coisa de ridiculo e de grotesco na troca publica desses carinhos e desses beijos sagrados; e todos nós, precoces ingratos, com o nosso embaraço e a nossa frieza, sem querer, apesar de conscientes, magoamos creaturas boas que nos adoravam. Mais tarde, a idade da razão, tenta reparar essas ferocidades da infancia; muitas vezes é em vão. Curamos apenas a metade das feridas que fizemos tão profundas. Si insisto neste ponto, é que, hoje ainda, não me lembro sem um grande arrependimento de certas circumstancias em que a minha apparente frieza contristou a minha querida tia; e não sei o que daria para resgatar os desgostos que lhe causei, embora tivessem a duração de um minuto! Nunca ella deixou perceber nada. De um humor sempre egualmente doce, informava-se da minha saude, dos meus estudos e dos meus diverti-

VALSA

lamentos do velho piano sem pensar nos milhares e milhares de melodias, de

mentos, emquanto nos dirigiamos para casa, onde me esperava, sobre uma toalha tão branca que dava fome, o amavel e saboroso almoço organizado por ella durante quarenta e oito horas.

A' tarde sahiamos. Ao fim da rua, passavamos por uma loja com pequenos quadros azulados com esta inscripção: "Melles. Badinier, que fazem os chapéos serios e as toucas armadas", e iamos a casa de uma velha senhora, a unica amiga intima de minha tia, Mlle. Desirée de Bergeronniére, que tinha no salão um piano de cauda que só a vista opprimia.

Aquelle piano estava tão paralytico, tão cansado, tão usado, tão acabado, e com as cordas e metaes tão no fim, que as notas sahiam tremulas e aflautadas como a voz de uma avózinha. Quando a gente se apoiava, levemente, sobre os pedaes elles gemiam como uma creatura a quem se tivesse pisado os pés. E nada era mais desconcertante para os ouvidos e para os olhos que a incuravel aphonia daquelle cofre volumoso. Não se podia ouvir os

arias de romanças que cantára alegremente, antes de chegar a uma tal extincção. Parecia inadmissivel e contrario ao bom senso que pudesse ainda ser tocado, e que fosse *tocavel*. E, entretanto, a minha tia tocava.

Tocava até muito bem. Sem duvida, os seus dedos finos, leves, quasi immateriaes e delicados de velha, sabiam pousar sobre as teclas do fragil instrumento, pedir-lhe um esforço que elle era muito gentil para recusar. Evidentemente, ella possuia um segredo para desenferrujar as notas quasi centenarias. Assim que se sentava no banco, — o corpo esbelto, direito como o de uma joven — o piano, desentorpecido, encontrava sob as suas mãos a força e a frescura dos bellos tempos! Foi nelle que ouvi a querida tia tocar, durante os meus primeiros annos, certa valsa estranha e pungente, que nunca vi impressa, e que ella chamava: *A valsa de hontem*. Muitas vezes eu repeti a pergunta:

— Minha tia, a senhora não póde me contar nada dessa valsa?

Sempre a sua resposta foi a mesma:

— Meu querido, é uma valsa. Não se conhece o autor, desconfio que já nasci sabendo-a. Chama-se, ah! um lindo nome: *A valsa de hontem*. E' um encanto. Ouça-a.

Seria incapaz de trauteal-a hoje. Mas tenho-a em mim. Apenas o meu coração póde cantarolal-a baixo, na rua, no inverno junto do meu fogão, no verão sob as arvores, á beira dos lagos, ou á noite com a cabeça sobre o travesseiro, e em viagem, distante da minha terra... Mas, de longe como me vem, do fundo da infancia, nesse velho Orleans, ella canta e se estende, symbolica e terna, como a phrase — typo, o mysterioso leitmotivo de toda a minha vida.

HENRI LAVEDAN

(Da Academia Franceza — Desenhos de Maurice Leloix.)

MADONA

MADONA! Deixa-me beijar-te a fimbria roçagante do vestido, as tuas mãos alvas como dois lyrios morrentes, as conchas nacaradas e brilhantes que são as tuas unhas pequeninas... Madona! Minha adoração! Meu amor feito de encantamento e pureza! Por que és tão bella e tão triste, Madona? Por que não sorris nunca? Por que trazes, no fundo das tuas pupillas azues, tanto soffrimento, tanta magoa dolorida?

E o louco amante, o poeta apaixonado e triste, ajoelhou-se, em attitude de muda adoração, ante a sua doce amada, anjo feito de castidade e luz... Ella era bella, a amada! Branca, estatua de marmore animada com alma de mulher, olhos azues purissimos, grandes e nostalgicos, nariz grego, bocca pequenina e perfeita, de um rubro de sangue vivo, cabellos de um louro bronzeado e quente, ella parecia, mesmo, uma Madona que, cansada de viver em alguma igreja singela, houvesse descido do seu pedestal para espalhar, no caminho dos tristes, as rosas puras da sua bondade... Ella apaixonou o poeta. Sonhador, alma cheia de mysticismo e crença, elle viveu na sua figura estranha e linda o sonho, feito de pureza e luz, que abrigava no seu coração sensivel. Ambos tristes, ambos vivendo presos no mesmo anseio louco de alcançar um ideal que lhes fugia sempre, ambos tendo na alma um mundo de carinho e devotamento, deram-se as mãos e seguiram o seu caminho com a alma cheia de fé e amor... Amaram-se loucamente. A Madona era o sonho, o unico motivo de adoração do poeta, que só vivia para a sua branca imagem de santa. Ella lhe dava todo o seu coração de mulher amante, incomprehendida, ansioso por um ideal de luz...

Estavam ambos tristes. A Madona ia partir. Não podia mais continuar ali. Tinha que ir para o seu paiz de neves frias, de longas steppes côr de leite, onde corações amantes esperavam-na, depois da sua ausencia longa... Uma angustia enorme lacerava o coração do poeta, porque elle tinha o presentimento de que a sua Madona se ia para nunca mais voltar...

— Mandona! Tu és tão linda! Por que não me deixas contemplar-te toda a minha vida, em muda adoração? Por que te vaes, Madona? Não sabes que és o motivo unico da minha vida, que levarás comtigo toda a minha alegria? Por que te vaes, Madona? Não te basta o meu amor?

E o poeta chorava como uma creança, aos pés da sua amada. Carinhosamente, ella ergueu-o, obrigando-o a olhal-a de face. Seus olhos estavam cheios d'agua.

— E' preciso que eu parta, amado. Mas, nunca te esquecerei, nunca! Se tu me ensinaste a belleza prodiga da vida, se tu, com o teu amor, me descortinaste quadros de tão infinita belleza, como esquecer-te, amado? Eu vou, mas voltarei breve... Não posso viver sem o teu amor, sem os carinhos doces do meu loiro e divino poeta!

E a Madona offerecia ao amado a sua bocca sanguinea, como uma rosa tinta em sangue jorrando quente... Pela primeira vez, suas boccas juntaram-se num beijo casto de amor.

* * *

— Madona! Por que não voltas? Por que me deixas consumir nessa febre de anseios insatisfeitos? Por que te foste e não mais voltaste? Por que, Madona?

E o poeta, já de cabellos brancos como as neves distantes, olhos baços das muitas lagrimas que chorára, tristonho, espera ainda aquella que encheu de luz a sua mocidade distante, que enche ainda de sonhos a sua velhice inquieta... No sonho que absorvera toda a sua vida, elle vive ainda, numa ansia desesperada, o coração cheio de saudades e magoas atrozes...

Pobre poeta! Pobre velho louco! Elle não sabe que a sua Madona, a branca imagem da sua adoração e do seu amor, a eleita do seu sonho mystico, é mulher e, portanto, sequiosa de amor... Como poderia viver ella lá nas neves distantes, se não encontrasse um coração que a aquecesse do abandono e do frio?

Elle, sem saber nada, espera ainda. E talvez só se desilluda quando vier tiral-o do seu sonho mystico e louco, outra Madona, de olhos piedosos — a Morte...

L O L A K N E I P

N O C T U R N O D E H O T E L D E L U X O

A L E G R I A

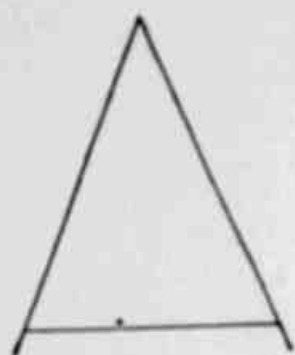
"Se eu pudesse esquecer toda a amargura
que me tortura
crucificando o coração,
nas manhãs transparentes e encantadas
de rútilo verão
entre o verde do mar e as areias douradas
eu cantaria, cantaria
de alegria !

Se eu pudesse reter um momento que fosse
o meu passado luminoso e doce
que entre os meus dedos finos escorreu
como as aguas do rio
correntio
que embalde a nossa mão prendeu,
se eu pudesse reter este passado
bem amado
eu choraria
de alegria, de alegria !

E se eu pudesse ter plena certeza
de que assim reveria o meu Amor,
desprezando esta vida de incerteza
onde ha um dia de sorrisos
indecisos
por um anno de maguas e de dôr,
esta vida por certo eu deixaria
e morreria
de alegria, de alegria, de alegria !"

MARIA SABINA DE ALBUQUERQUE

Em cima : no Syllogeu, depois da conferencia do consul geral Dr. Joaquim Eulalio sobre "Suggestões para um melhor conhecimento scientifico do Brasil no Estrangeiro". Em baixo: almoço no Lido, que os funccionarios do Contencioso do Banco do Brasil offereceram ao Dr. Christiano Brasil, em despedida por ter S. S. passado para o Departamento de Titulos em liquidação do mesmo Banco, como consultor juridico.

Nos jardins onde as agaves, os cactus e outras plantas bizarras, substituem com vantagem o buxo e o pinheiro tão commum em todas as casas paulistas.

O architecto G. Warchavchik

S. PAULO intellectual, artistico e mundano, foi attrahido durante vinte dias, para uma exposição de genero completamente novo no Brasil.

O architecto G. Warchavchik que ha tempos, com louvavel energia, vem se batendo pela introducção da architectura moderna, inaugurou nos ultimos dias de Março, no scenario admiravel do Pacaembú, a exposição de sua casa modernista em cujo interior, collocou em rigorosa harmonia, tudo que se fazia necessario para uma installação definitiva.

Concentrando nesta habitação de linhas sobrias, os elementos indispensaveis de conforto e bem estar, G. Warchavchik, não esqueceu os detalhes minimos de ambientes.

Desde os apparelhos de illuminação em que a luz se filtra suavemente para não ferir a tonalidade viva das paredes e dos moveis pintados a Duco, até os detalhes minimos da cozinha, tudo foi concebido e executado especialmente, segundo riscos originaes do proprio architecto.

Para ambientar o aspecto moderno deste interior, o artista teve a collaboração de esculptores e pintores dos mais arrojados de S. Paulo, que com as suas obras completam a casa moderna.

nota-se qualquer coisa que faz bem á vista e quebra a linha recta das paredes deveras desconcertantes, para quem não está affeito a este genero de construcção.

O mobiliario de gosto e sobriedade, tem peças originaes que realçam bem o talento do autor que soube tirar partido das nossas essencias, principalmente da imbuya.

Mas a nota predominante e que se destaca viva, na casa moderna deste audacioso bandeirante da architectura nova em S. Paulo, são os admiraveis effeitos de côr.

Realmente, o artista conseguiu uma deliciosa harmonia entre os tres tons — verde, roxo e prata que, em diversas gradações, guarnecem as principaes peças da casa, com excepção da sala de jantar, onde a nossa imbuya, com a sua quente tonalidade, fórma o ornamento essencial.

Fugindo assim á vulgaridade, a casa do architecto Warchavchik, é um cartaz arrojado do que se póde conseguir fóra dos lamentaveis bôlos de noiva e das casinhas estylo batata roxa, que no Rio procuram fazer concorrencia ao bangalô paulista de tijolinho á mostra e ornatos excessivos.

Varios aspectos

exteriores e interiores

PLINIO CAVALCANTI

No Club Germania realizou-se, em 5 deste mez, um almoço de cordialidade do "Centro dos Droguistas e Industriaes de Drogas na Capital Federal", que reuniu as figuras mais representativas desse ramo de commercio aqui.

Pá de Cal

Velha boneca dansarina

Eu te conheço ha bem trinta annos. Creio
Meu dever revelar porque asseveras
Ter apenas dezoito primaveras
E mentir desse modo é um pouco feio.

Sei que essa cousa é propria do teu meio.
Entre as damas que tanto consideras
Julgas te casa nova entre taperas,
Mas casa nova que já pede esteio.

Quando no "Botafogo" tu dansavas
Com um famoso aviador como que voavas
Entre nuvens, distante dos mortaes;

Mal me viste, perdôa-me a maldade,
Só porque eu sei de facto a tua idade,
Erraste o passo e... não dansaste mais.

Amando na chuva...

Chove. Alagam-se as ruas de repente.
Estravaza a maré pelos passeios...
Quanta gente na rua! Os bondes cheios
E cheios os cinemas... Quanta gente!

Como as baratas quando é tempo quente
As mulheres em giros e volteios,
Saem de casa desvairadamente
Na abundancia dos braços e dos seios...

Vejo um "fragrante" tremulo e indistincto:
Ella — gostosa como um bago de uva,
Elle — feio e molhado como um pinto.

O par num tronco de arvore se encaixa
E fica a matutar que o amor na chuva
Só de galocha e capa de borracha.

João da Avenida

Antes do banquete offerecido no Club Commercial ao senhor E. E. Kaiser, ex-director gerente da General Motors do Brasil, S. A., e ao novo director, senhor E. M. Van Voorhees, recem-chegado de Nova York.

Uma costureira que é philosopha

Chama-se Miami Alvarez. Nasceu no Mexico. Trabalha nos Estados Unidos. Já andou pelo Canadá. O successo dos seus vestidos é menos material do que psychologico. Ella veste conforme os estados dalma, veste menos o corpo do que o espirito. Está millionaria.

DE ELEGANCIA

A NOTA que rejuvenesça os vestidos compridos. O "quê" da juvenilidade para esquecer que as roupas de algumas horas cobrem os tornozellos. O proposito de não deixar na compulsoria o que tanto encantou, enthusiasmou a mulher moderna: a saia curta.

Por isso mesmo, continuam curtas, ellas, as saias, nos "tailleurs". Por isso mesmo, os vestidos de rua desceram pouco, pouquissimo.

Deixam á mostra um bom pedaço de perna, exhibem meias finas. Tambem ha quem as mostre sem meias, nos dias quentes. E', entretanto, moda arriscada. Arrisca o desencanto das pernas que pareceram bonitas cobertas por tenue tecido. O "manto diaphano"... Os trapos, apesar da mania de andarem despidas, ainda concertam, realçam a belleza das bellas e encobrem o que as outras querem encobrir.

Mas a nota juvenil é a blusa nos "tailleurs". E' o pequeno pedaço de pano, rosado ou crême, marfim ou "beije" que a saia curta e justa prende á cintura. E' a graça do "jabot" esvoaçando de dentro do casaco de "tweed". E' uma gravata de gaze ou de crêpe, uma gôla de renda clareando o havana, o cinza sombrio, o amarello laranja, o azul forte ou o preto do costume tão do gosto das elegantes em 1930.

B l u s a s simples, para "tailleurs" de viagem ou para a manhã; blusas mais trabalhadas, para os de velludo, de "moire", de setim, de "marocain", todas presas á cintura. Já se foi a época dos blusões que alongavam o talhe e encurtavam as pernas por mais curtas que as saias fossem.

Não são exclusivamente de tecido liso. Os estampados, os bordados, uns guarnecendo, outros servem para lindas blusas, para costumes de seda, como de lã. As blusas de tom unido são, geralmente, enfeitadas por um bordado a côres, iniciaes ou qualquer desenho, que, posto no peito, no vertice do decote, no hombro dá uma nota expressiva e alegre.

Os "tailleurs" estão muito do agrado das ele-

gantes. E a blusa é o mais importante complemento da veste graciosa e pratica.

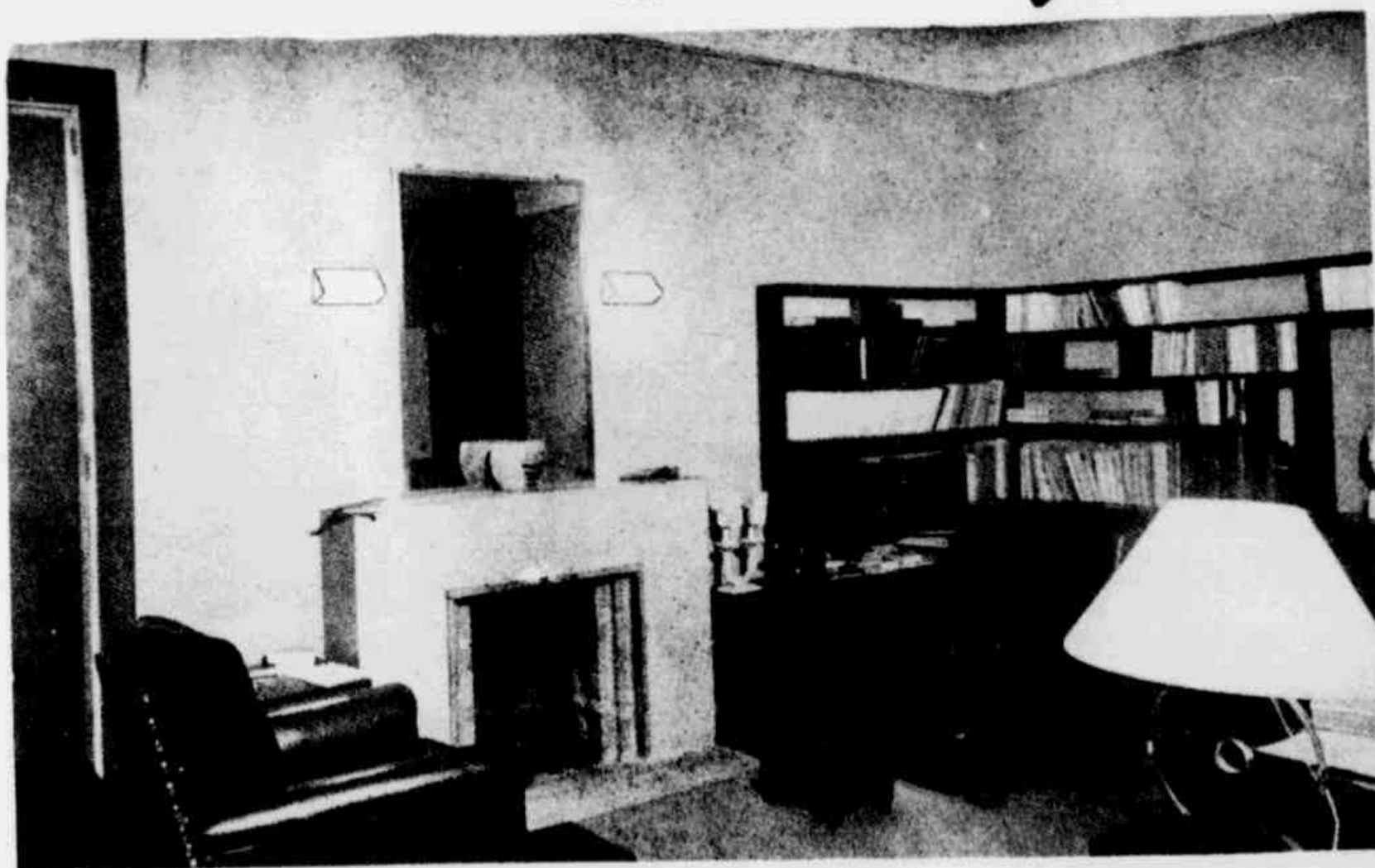
Movimento elegante na cidade: Gabriella Benzansoni Lage, senhora Azurém Furtado, Marina Padua, Anna Amelia Carneiro de Mendonça, Maria Luiza Brandão, Leonor Posada, Dinorah Mello, senhora Alberto de Faria Filho, Carmen Violeta, senhora Marcellino de Almeida, Léa Azeredo da Silveira, senhora Prado Junior, Maria de Affonseca, e muitas mais.

Proximamente: A. Dorét

dirá algo sobre perfumes e cabellos.

Figurinos: além das blusas, um costume para a tarde de "georgette" guarnecido de "renard"; um lenço estampado num costume de seda "brochée"; um "manteau" tres quartos, genero "tailleur", de crêpe "grosgrain" encobre um vestido decotado; casaco de crêpe de lã verde, góla em feitio de pequena capa num modelo de Lucile Paray; "Jersey" tecido em desenho meúdo para um "tailleur"" quasi rigido; vestido "tailleur" de "tweed", proprio para a rua; "ensemble" de lã azul listada de cinza; casaco tres quartos guarnecido de pele branca e um "jabot" de pregas; casaco de "marocain" preto e vestido de crêpe setim preto com losangos de cristal a cintura.

Mais: sala bibliotheca, confortavel e sobria.

SORCIÈRE

MUSICA

OSCAR BORGHERT é um nome que sôa bem no ouvido da gente. Nasceu, sem duvida, predestinado, esse artista brasileiro, que nós vimos surgir, primeiro, como alumno do Instituto, exhibindo um talento formidavel a serviço de um temperamento pujantemente tropical. Depois, foi a Medalha de Ouro de violino, que marcara, no seu primeiro recital, o seu primeiro triumpho. Depois o Concurso a Premio de Viagem, que lhe poz em evidencia as preciosas qualidades artisticas, que lhe asseguraram no nosso meio um logar de inconfundivel destaque.

Depois... o meio começou a ser pequeno para o artista.

As ambições de gloria indicavam-lhe o caminho a seguir. O artista que pára, sacrifica-se fatalmente. Oscar Borghert pensou, então, em seguir para a Europa. Seguiria mesmo por sua conta, já que o Premio de Viagem lhe fugira das mãos.

E foi.

Os telegrammas, algum tempo depois, trouxeram-nos noticias do artista. Elle estava na Hespanha, paiz que, em materia de violinista já nos deu, pelo menos Sarasate, em tempos idos e Juan Manén, nos nossos dias.

Evidentemente o successo da presença de Oscar Borghert em platéas hespanholas, era, para nós, de ante-mão indiscutivel. Esperavamos que a sua technica brilhantissima, ao lado do seu temperamento ardente de tropical, impressionasse seriamente á critica e ao publico hespanhoes.

Tinhamos a certeza de que elle arrancaria applausos das platéas com a mesma facilidade com que haveria de arrancar elogios da imprensa.

Mas nunca pensámos que esses elogios chegassem ao extremo de comprar Borghert com Sarasate, o violinista que é, talvez, a maior celebridade hespanhola, de todos os tempos.

Nós registramos essa referencia, com o grande prazer com que o fazemos sempre que se trata de um artista brasileiro.

Apesar de lutar sempre com certa especie de "patriotas", cujo "patriotismo" consiste em, eternamente, achincalhar tudo quanto é brasileiro, bom ou máu, o Brasil, felizmente, inda tem quem, artisticamente o apresente e eleve dignamente lá fóra — tão dignamente como, de certo, nunca o fariam esses "patriotas" que só têm a lingua... para a diffamação. Oscar Borghert é um desses artistas em quem todos nós devemos confiar, porque, onde quer que elle esteja, como actualmente se dá na Hespanha, o Brasil está sendo dignificado e applaudido.

COSIMA WAGNER

A viuva de Ricardo Wagner morreu em Bayreuth na madrugada do primeiro dia de abril. Tinha 93 annos. Ella foi durante a vida do grande compisitor uma companheira excepcional da sua vida e da sua arte e, depois que elle morreu, continuou animando a obra do Mestre com toda a ternura e toda a admiração. O corpo de Cosima Wagner foi cremado e as cinzas descansarão em Bayreuth.

A musica nas primitivas éras

Historia da Musica pela Senhora Schumann Heink

A mais primitiva flauta começou com um tubo só, chegando depois a um oitavo ou mais. Pequenos bambús ôcos constituiram a base do instrumento. Por este meio, o homem conseguiu combinar os sons mais complicados.

Gritos musicaes, na opinião de muitos sabios, antecederam a palavra, como existem entre os passaros e animaes, que de outra maneira não pódem exprimir o que sentem. Assim os gritos de amor de outros tempos tinham notas estranhas, impressionantes que levavam uma mensagem através das montanhas á outra pessoa apaixonada.

Da mesma fórma que o grito de amor, o grito de guerra tinha os seus tons proprios e intervallos, que eram calculados para aterrorizar o inimigo. O grito de guerra e o grito de luta transformaram-se na cantiga de guerra, fórma mais complicada e uma das primitivas creadas pelo homem.

O cantico funerario ou de morte começou de espaço em espaço de lamentação reconhecida, que se transformava de espaço em espaço em uma especie de oração ou expressão musical de tributo á memoria do morto. As marchas funebres dos nossos dias têm muito da melancolia dos nossos antepassados.

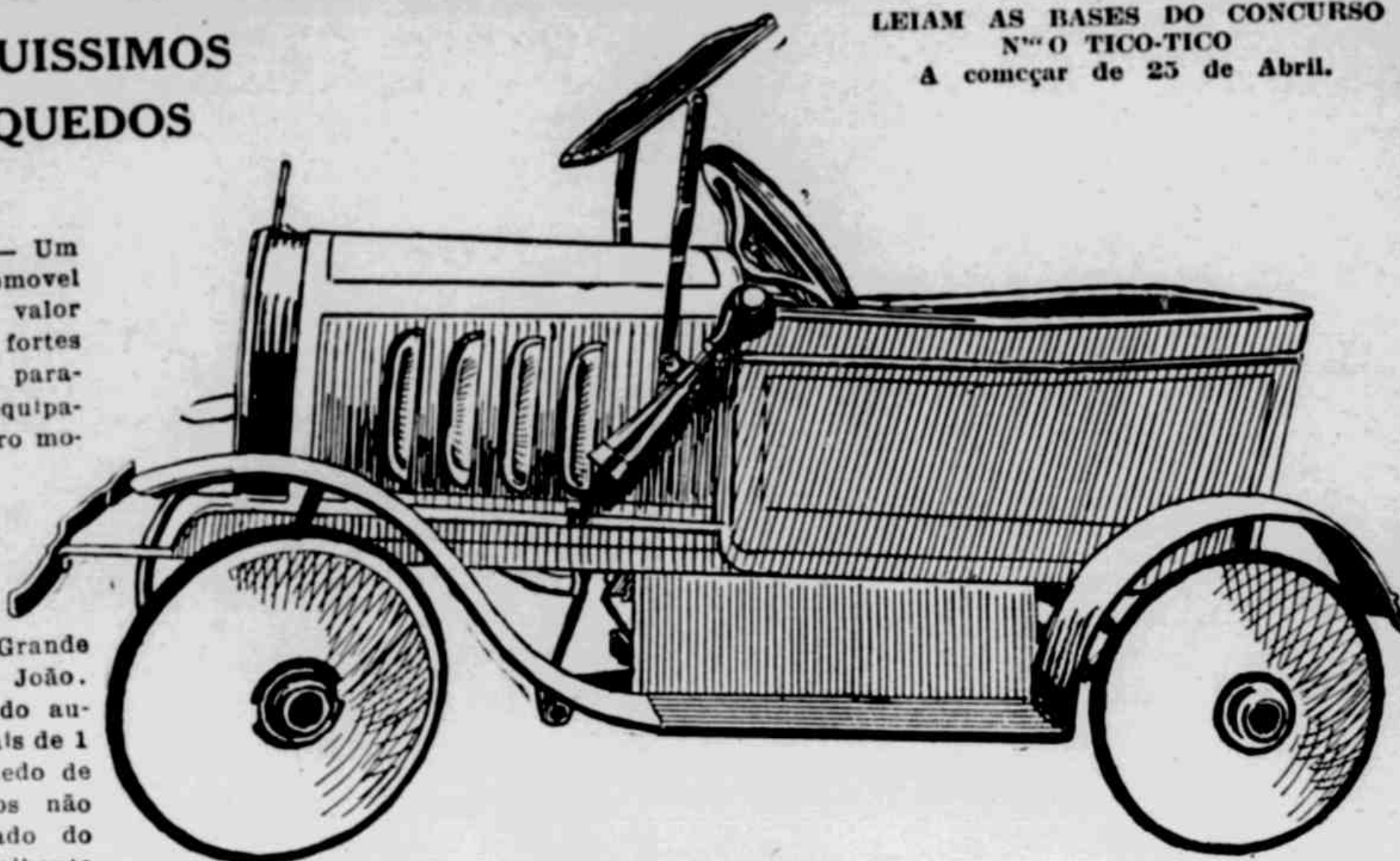
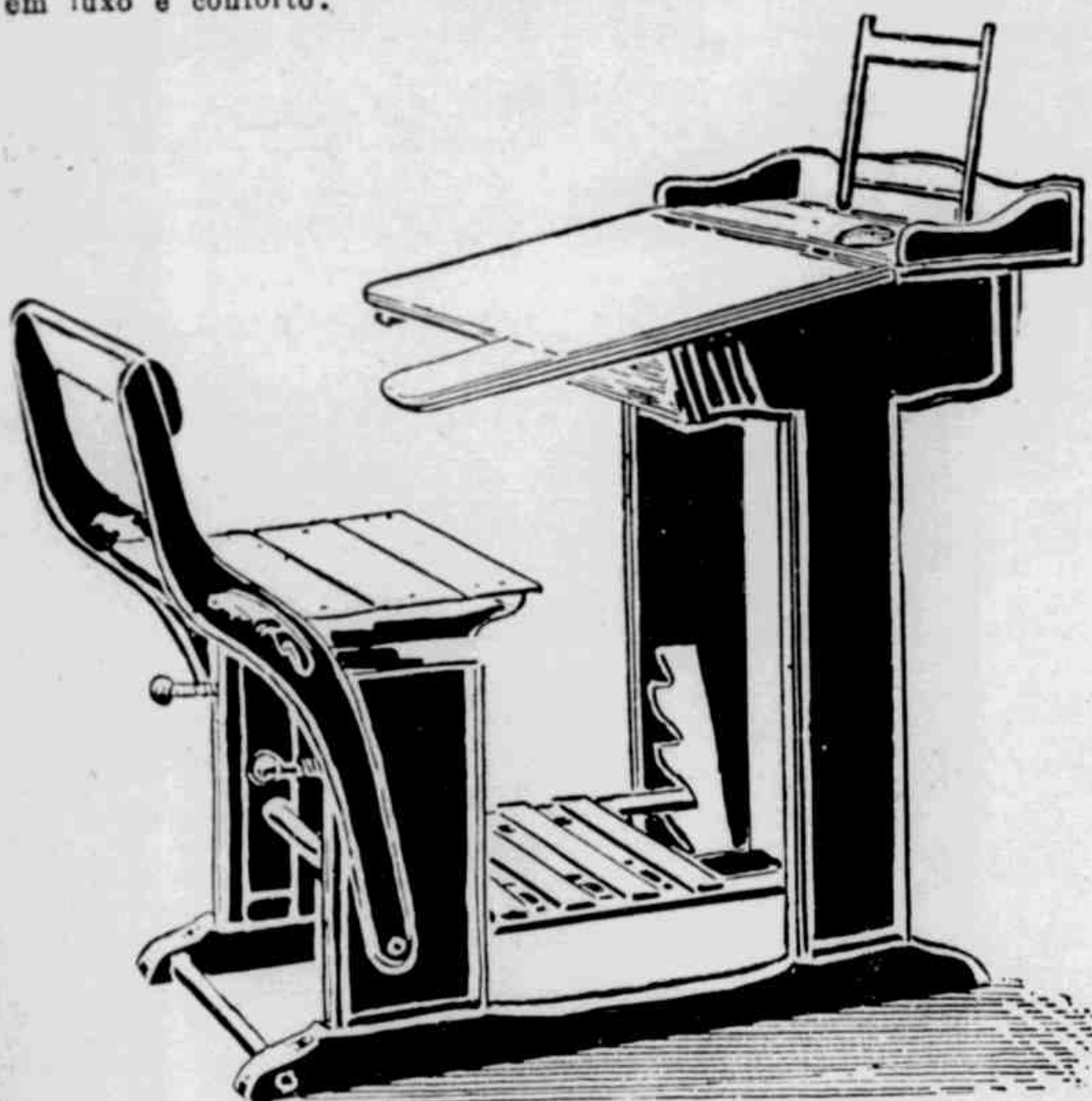
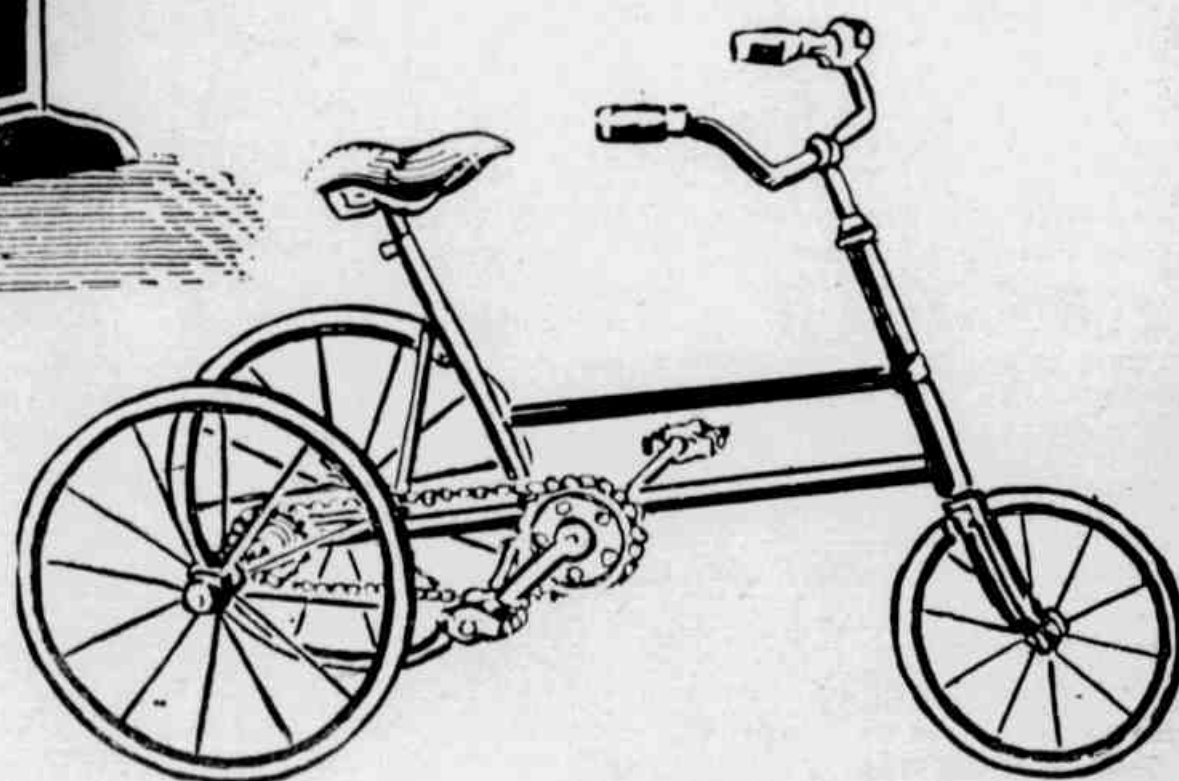
Continúa no proximo numero

Repetido por ter sido publicado com incorrecções.

GRANDE CONCURSO DE SÃO JOÃO D'"O TICO-TICO"

LEIAM AS BASES DO CONCURSO N'"O TICO-TICO A começar de 25 de Abril.

50 RIQUISSIMOS BRINQUEDOS

1º PREMIO — Um luxuosissimo automovel para creança, no valor de 500$000, com fortes pneus, buzina, para-brisa e todo o equipamento de um carro moderno. Este valiosissimo premio foi adquirido na Allemanha pelo "O Tico - Tico" para premio do Grande Concurso de São João. O comprimento do automovel é de mais de 1 metro, e, sem medo de errar, affirmamos não haver no mercado do Rio outro semelhante em luxo e conforto.

2º PREMIO — **Uma carteira escolar.** — E' este um premio, do valor de 500$000, dos mais uteis até então offerecidos pelo "O Tico-Tico". E' o movel necessario para o menino ou para a menina estudar. Mesa, banco, descanso para os pés, tinteiro, tudo com graduação, variavel, para a altura da creança. A carteira escolar é um rico movel, digno de figurar em qualquer sala e, dada como premio aos nossos leitores, representa a preoccupação que temos em cuidar do conforto e bem estar dos pequeninos estudantes.

3º PREMIO **Um tricycle.** — Premio de grande valor, brinquedo moderno e resistente, onde a creança se diverte e cultiva o physico. O tricycle, cuja reproducção se vê ao lado, será, estamos certos, o brinde cobiçado pelos milhares de concorrentes do Grande Concurso de São João.

De Pernambuco — Recife e Olinda

A' direita e á esquerda: instantaneos apanhados na praia dos Milagres, em Olinda, de senhoritas da alta sociedade do Estado. No centro, em cima: a pianista Amelia Brandão Nery, cujas composições estão sendo gravadas pela "Victor". Em baixo: Moraes de Oliveira, nosso representante e sua filhinha Maria Lêda.

Clinica Medica de Para Todos...

EMPREGO DERMATOLOGICO DO SULFATO DE COBRE

Ultimamente conseguiu certo destaque, no tratamento de varias affecções cutaneas, o emprego local do sulfato de cobre.

Soluvel no alcool absoluto e numa mistura de alcool e de ether, o sulfato de cobre póde ser utilisado, sob as formulas seguintes:

Primeira:

Sulfato de cobre anhydro, 50 centigrammas. Alcool absoluto, 100 grammas.

Segunda:

Sulfato de cobre anhydro, 50 centigrammas. Ether officinal, 15 grammas. Alcool absoluto, 85 grammas.

Qualquer uma das formulas precedentes deve ser collocada ao abrigo do ar, isto é, num vidro cuidadosamente fechado, porquanto o sulfato de cobre em solução vae se depositando, no fundo do recipiente, desde o momento em que o gráo de hydratação attinge a cifra de dois ou tres por cento.

Os solutos de sulfato de cobre, acima referidos, não são desprovidos de acção irritante, a qual, entretanto, não produz sobre a pelle maior inconveniente do que produziria a acção do alcool a noventa gráos.

Em dermatologia, os solutos de sulfato de cobre são indicados, para combater as pyodermites, evidenciando possuir muito mais efficacia do que o alcool iodado e a agua de Alibour.

Ha successos comprovados, quanto á seborrhéa, e, sobretudo, relativamente ao acné facial de natureza identica á da affecção mencionada; porém, com relação á seborrhéa do couro cabelludo, os resultados ainda estão destituidos de valor.

CONSULTORIO

X. Y. Z. (Curityba) — Use, pela manhã, depois do pequeno almoço, dois comprimidos de thyroidena. Use, a noite, depois da ceia, dois comprimidos de orchitina. Depois do almoço e do jantar, use dois confeitos de "Ibogaine Nyrdahl". Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com o "Strychvarsitol Robin".

DESCONTENTE (Rio) — Segundo a relação existente entre a altura e o peso indicados, julgo que não ha excesso de gordura. Entretanto, para corresponder ao seu desejo, aconselho um regimen alimentar, com exclusão de manteiga, toucinho e outros productos identicos, cervejas, compotas de fructos, doces e outors artigos de confeitaria. Sopas magras, carnes assadas, arroz, poucas massas alimenticias, saladas de alface, agrião, etc., pouca batata, pão sem excesso, fructos, coalhada, vinho leve e aguas mineraes, eis a base de seu regimen alimentar. Evite cuidadosamente o abuso do assucar. Tome banhos frios geraes pela manhã. No meio do almoço e do jantar, use vinte gottas de "Iodalóse Galbrun", num calice de vinho leve. No momen-

Alumnos do Atheneu Guanabara, que realizou uma encantadora festa infantil no Gavea Club, no domingo passado, maravilhando aos paes, especialmente convidados, com o grande adeantamento de que deram prova os pequenos escolares.

Para Todos... no Atheneu Guanabara

A' direita: A graciosa Regina Veiga, alumna mais moça do Atheneu Guanabara. A' esquerda: Caracterização do personagem Chiquinho, do "O Tico-Tico", que disse na festa do Atheneu Guanabara um monologo de Eustorgio Wanderley, varias vezes repetido a pedido da assistencia.

to de se recolher ao leito, use uma capsula de "Opolaxyl", bebendo, em seguida, meio copo dagua fria. Faça exercicios de gymnastica sueca e diariamente realize longos passeios a pé.

F. PEQUENOTTE (Rio) — Use, no pequeno almoço e na ceia, "Placentodóse", em uma chicara de leite morno assucarado. Depois do almoço e do jantar, use uma colher (das de sopa) de "Malt-Oleol". Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com o "Cyto-Manganol Corbiére". Externamente, lave, todas as manhãs, a região indicada, com agua morna e sabonete sulfuroso, e, depois de enxugal-a, applique em massagens: precipitado branco 1 gramma, oxydo de zinco 5 grammas, lanolina benjoinada 15 grammas, glycerina borica 15 grammas.

A. L. I. C. E. (Minas) — Realmente não lhe convêm os excitantes. A alimentação deve ser forte e variada. Pela manhã e á noite, use 2 comprimidos ovaricos. Durante os cinco ou seis dias que precedem á época mensal esperada, em logar dos mencionados comprimidos, use, pela manhã e á noite, uma capsula de "Apioseline Oudin". No meio de cada refeição principal, tome 15 gottas de "Sanas", num pouco dagua assucarada. Faça, por semana, tres injecções intra-musculares, com a "Seroferrine Chevretin". Externamente póde usar o "Lybiol" ou o outro remedio citado em sua carta. Ou banhos mornos geraes, pela manhã, e os banhos mornos locaes, duas ou tres vezes por dia, são proveitosos. Os exercicios violentos devem ser banidos. A marcha moderada com sapato de salto baixo, é o exercicio apropriado.

UMA VERDADE

Um menino, embora pobre,
Póde julgar-se bem rico
Se comprar e ler attento
Os numeros d'"O Tico-Tico".

Durante as crises periodicas, não usará nenhum desses medicamentos e unicamente empregará, si as dôres forem violentas: analgesina 1 gramma, tintura etherea de valeriana 2 grammas, bromureto de sodio 2 grammas, tintura de artemizia 3 grammas, extracto fluido de viburnum prunifolium 4 grammas, xarope de canella 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro — uma colher (das de sopa) de 2 em 2 horas ou de 3 em 3 horas, conforme a necessidade.

VILMA (Bahia) — O regimen para engordar só poderá ser experimentado, quando regularizar as funcções digestivas. Por ora, use: tintura de noz vomica 1 gramma, tintura de calumba 2 grammas, tintura de genciana 3 grammas, tintura de badiana 3 grammas, tintura de calamo aromatico 3 grammas — quinze gottas da mistura, num calice dagua, vinte minutos antes do almoço e do jantar. Depois das duas refeições principaes, tome uma colher (das de sopa) do "Elixir de Pepsina Mialhe". Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com a "Tonikeine". Após um mez de tratamento ininterrupto, escreva communicando o resultado.

LECTICIA (Paracatú) — Além dos medicamentos internos que está usando, empregue externamente: menthol 1 gramma, sesqui-carbonato de ammonio 4 grammas, acido borico 10 grammas — em pitadas, como si fosse rapé.

DR. DURVAL DE BRITO.

"NOITE TRISTE"

O outomno punha bolas vermelhas nas arvores do bosque...

As arvores do bosque, ficavam carregadinhas de bolas vermelhas, como ficam os cyprestes na noite mais linda do mundo...

O bosque estava cheio de arvores de natal!...

A tarde estava linda!

E eu senti uma saudade immensa de alguem...

Fui recitando pelas alamedas compridas, os poemas que fiz para o meu amor...

"Nunca me digas que te amei bastante
Porque nunca eu te amei como devia..."

E eu fui sentindo uma saudade de alguem...

"Porque nunca eu te amei como devia!..."

Sim! Ella merecia ser adorada!

Merecia um amor mais ardente que o que eu lhe poude dar...

E no emtanto, eu lhe amei bastante.

Quantas vezes, ante a lamparina triste de meu quarto, eu não chorei lendo os versos que fizera...

Quantas vezes, a garôa triste da noite, veiu bater á minha janella despertando-me do mundo fantastico em que eu jazia.

Mas ella merecia mais, muito mais!

E eu não tive coragem de lhe offerecer um amor como devia!

E o homem que chegou depois de mim, levou-a.

Como estava distante tudo isso...

E como me parecia perto neste momento...

A noite cahia devagarinho sobre o bosque colorido...

As arvores, estavam vestidas de luar!

E eu ia caminhando atôa, sem destino, sem fim!...

SCHNEIDER JUNIOR

São Paulo, 22 de Março de 1930.

O homem triste e a mulher infeliz!...

...ella chegou, olhou as mãos do homem estendidas para o poente, e falou numa voz de martyrio:

— Tanto te procurei!... A vida toda te buscava e nunca te encontrei. Hoje, depois de muitas primaveras terem se extinguido em minha vida, encontro-te aqui.

— Sou a tua Amada!...

O homem silencioso, continuou calado, com as mãos estendidas para o poente.

A tarde era uma saudade vagabundeando pelo céo!

E elle teve saudade...

Sentiu na saudade da tarde a saudade de alguem.

De alguem que morou no seu amor.

De alguem que foi para elle a essencia da vida, a felicidade sem par...

E sentiu na saudade da tarde a saudade desse amor.

Ella falou mais uma vez:

— Sou a tua Amada!...

Elle assustou-se, largou os braços com força, olhou a solidão... viu no inverno dos cabellos della o deslumbramento de antigamente, tentou conter as lagrimas que inundavam-lhe os olhos, e... partiu soluçando pela tarde.

Ella ficou sózinha, olhando-o partir, sem forças para agarral-o para sempre, com os olhos voltados para o desperdicio de mocidade, de belleza e de graça do seu passado.

Sua ultima felicidade!...

Sorriu por entre lagrimas.

Sentou-se no banco do jardim e accendeu um cigarro.

As lagrimas apagaram-no...

Jogou-o longe com raiva, passou a manga do vestido pelo rosto ainda bonito e foi caminhando lentamente, com as mãos á cintura e o andar incerto e provocante.

———

Elle era uma sombra na distancia...

FRANCISCO LUIZ A. SALLES

A alegria da dôr

(Soffre com resignação)
Padre Ant. Vieira

Existem entes humanos que nascem para o soffrimento e para a dôr.

Vivem numa eterna agonia intima, numa lethargia perenne como as grandes almas em delirio abafado!

Não experimentam a rapida passagem pela terra, um pequeno prazer espiritual, agarrando-se-lhes os pezares como a alegria aos venturosos.

Tive, ha mais de cinco annos, um amigo de coração.

Viviamos numa convivencia diaria, estreitados no mesmo abraço e nunca surgiu em sua vida um dia, siquer, illuminado pelo sol da felicidade! E, jámais, sua alma teve um lamento de desespero!

Disse-me uma unica vez, depois de muito lhe ter falado em sua tristeza:

— O meu soffrimento silencioso, encontrará o seu fim no dia em que "Ella" surgir.

Ella? Ella? Quem?

E, elle alegre:

A Morte! Nesse dia a tristeza tomou-me de assalto.

Pensamento fixo abraçou-me semanas inteiras e tanta magua tive desse desventurado amigo, que não encontrei coragem para partir.

Deixei-me ficar, sem no emtanto tentar consolal-o, porque outra coisa elle não sentia, sinão o conforto de seu proprio soffrimento!

Pouco tempo teve de vida!

Dessa vida que só lhe offereceu como premio, a dôr que redime!

Triste predestinado!

Magua que grava no espirito uma visão fantastica de desespero e agonia!

Olhos que imaginamos lindos pela melancolia!

Alma triste, profunda no mysterio incomprehendido de sua dôr!

Predestinado!...... triste predestinado!

A alegria na hora da Morte!

A alegria dentro da propria dôr...

Rio, 25 de Janeiro de 1930.

MOACYR DE ALMEIDA REGO

Os meninos que lêm "O Tico-Tico" aprendem a ser homens de bem.

Os premios d'O Tico-Tico

"O Tico-Tico", a querida revista das creanças, entre os valiosos prem'os que distribue aos leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 e 12 volumes cada uma, das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Içа rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo. "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos, III — Basil'o da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac. Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para prem'os d'"O Tico-Tico", demonstrando, desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

— Um córte artistico de cabellos.

— Uma ondulação impeccavel.

— Uma tintura garantida.

A. Fadigas

CABELLEIREIRO DA ELITE

NUMEROSO E OPTIMO QUADRO DE MANICURES PARA AS SENHORAS

Rua Gonçalves Dias, 16 — 1.° andar

Telephone C. 4184 — (NÃO TEM FILIAES)

CUTISOL-REIS

A mulher que preza o encanto de sua belleza traz sempre, no seu toucador, um vidro de **Cutisol-Reis.** Limpa a pelle de todas as impurezas, destruindo todos os parasitas que a afeiam, como o attestam as maiores summidades medicas, e é o melhor fixador do pó de arroz. Usem-no os cavalheiros depois de barbearem-se!

ENCONTRA-SE EM TODAS AS PHARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS.

COUPON

Caso o seu fornecedor ainda não tenha, córte este coupon e remetta com a importancia de 5$000 (preço de um vidro) aos depositarios: Araujo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives, 88

Caixa Postal 433 — R'o de Janeiro

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado .... (P. T.)

EDIÇÕES
PIMENTA DE MELLO & C.
TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor — RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUCÇÃO A' SOCIOLOGIA GERAL, 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 16$, enc. .... 20$000
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha, Cathedratico de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35$, enc. .... 40$000
TRATADO DE OPHTALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Fialho, Cathedratico de Clinica Ophtalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol., broch. 25$ cada tomo; enc., cada tomo .... 30$000
THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeiro. 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 30$000, enc. 35$; 2º vol. broch. 25$, enc. .... 30$000
CURSO DE SIDERURGIA pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 20$, enc. .... 25$000
FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Codigo Civil), broch. 25$000, enc. .... 30$000
IDÉAS FUNDAMENTAES DA MATHEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 16$000, enc. .... 20$000
TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch. .... enc.
MANUAL PRATICO DE PHYSIOLOGIA, prof. Dr. F. Moura Campos, broch. 20$, enc. .... 25$000
TRATADO-COMMENTARIO DO CODIGO CIVIL BRASILEIRO, SUCCESSÃO TESTAMENTARIA, pelo Dr. Pontes de Miranda, broch. 25$000; enc. .... 30$000

LITERATURA:

CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) bro. .... 5$000
ANNEL DAS MARAVILHAS, contos para creanças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira), broch. .... 2$000
COCAINA, novella de Alvaro Moreyra, broch. .... 4$000
PERFUME, versos de Onestaldo de Penafort, broch. 5$000
BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva, broch. .... 5$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, broch. .... 5$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos, de Alcides Maya, broch. .... 5$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu, broch. .... 3$000
CADERNO DE CONSTRUCÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva, broch. .... 2$500
CHIMICA GERAL, Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, cart. .... 6$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.), broch. .... 18$000
LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira, 2ª edição, cart. .... 5$000
COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.), broch. .... 4$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor, broch 5$000
TODA A AMERICA, versos de Ronald de Carvalho, broch .... 8$000
QUESTÕES PRATICAS DE ARITHMETICA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, broch. .... 10$000
FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição, enc. 20$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, para o curso primario, pelo prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.), cart. .... 10$000
THEATRO DO "O TICO-TICO" — cançonetas, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley .... 6$000
O ORÇAMENTO — por Agenor de Roure, broch. 18$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, broch. .... 18$000
DESDOBRAMENTO — Chronicas de Maria Eugenia Celso, broch. .... 5$000
CIRCO, de Alvaro Moreyra, broch. .... 6$000
CANTO DA MINHA TERRA, 2ª edição, O. Marianno .... 10$000
ALMAS QUE SOFFREM, E. Bastos, broch. .... 6$000
A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, A. Moreyra, broch. .... 5$000
CARTILHA, prof. Clodomiro Vasconcellos .... 1$500
PROBLEMAS DE DIREITO PENAL, Evaristo de Moraes, broch. 16$, enc. .... 20$000
PROBLEMAS E FORMULARIO DE GEOMETRIA, prof. Cecil Thiré & Mello e Souza .... 6$000
ADÃO, EVA, de Alvaro Moreyra, broch .... 8$000
GRAMMATICA LATINA, Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição .... 16$000
PRIMEIRAS NOÇÕES DE LATIM, de Padre Augusto Magne S. J., cart. no prélo ....
HISTORIA DA PHILOSOPHIA, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, enc. .... 12$000
CURSO DE LINGUA GREGA, Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J., cart .... 10$000
GRAMMATICA DA LINGUA HESPANHOLA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, broch. .... 7$000
VOCABULARIO MILITAR, Candido Borges Castello Branco (Cel.), cart. .... 2$000
CHIMICA ELEMENTAR, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, vol. 1º, cart. .... 4$000
PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 2º, broch .... 2$500
PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 3º, broch. .... 2$500
LABORATORIO DE CHIMICA, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira — 3 caixas, cada .... 90$000
CAIXAS COM APPARELHOS PARA O ENSINO DE GEOMETRIA, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caixa 1 e caixa 2, cada .... 28$000
PRIMEIROS PASSOS NA ALGEBRA, pelo Professor Othelo de Souza Reis, cart. .... 3$000
GEOMETRIA, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heitor Lyra da Silva, cart. .... 5$000
ACCIDENTES NO TRABALHO, pelo Dr. Andrade Bezerra, brochura .... 1$500
ESPERANÇA — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.), broch. .... 8$000
PROPEDEUTICA OBSTRETICA, por Arnaldo de Moraes (Dr.), 2ª edição, broch. 25$, enc. .... 30$000
EXERCICIOS DE ALGEBRA, pelo Prof. Cecil Thiré, broch. .... 6$000
PRIMEIRA SELECTA DE PROSA E POESIA LATINA, pelo Padre Augusto Magne S. J., broch. .... 12$000
EVOLUÇÃO DA ESCRIPTA MERCANTIL, de João de Miranda Valverde, preço .... 15$000
SÃ MATERNIDADE, pelo prof. Dr. Arnaldo de Moraes .... 10$000
ALBUM INFANTIL — collectanea de monologos, poesias, lições de historia do Brasil em versos e de moral e civismo illustradas com photogravuras de creanças, original de Augusto Wanderley Filho, 1 vol. de 126 paginas, cart. 6$000
BIBLIA DA SAUDE, enc. .... 16$000
MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch. .... 6$000
EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch. .... 5$000
A FADA HYGIA, enc. .... 4$000
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc. .... 5$000
FORMULARIO DA BELLEZA, enc. .... 14$000

BIOTONICO FONTOURA

BIOTONICO FONTOURA

BIOTONICO
FONTOURA
SANGUE
MUSCULOS
NERVOS
O BIOTONICO
É EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS E TODAS AS EDADES
INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA & SERPE
SÃO PAULO BRAZIL

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

Officinas Graphicas d'O MALHO